



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Estratégias de Ensino da LGP a crianças Surdas com medidas adicionais

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa

2025, Maria Francisca Alves Dinis



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Maria Francisca Alves Dinis

Estratégias de Ensino da LGP a crianças Surdas com medidas adicionais

Relatório Final do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa, apresentado ao
Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de
Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena Belo da
Silveira Baptista

Julho de 2025

Agradecimentos

Começo por agradecer à minha família por sempre me apoiarem e me acompanharem em todo o meu percurso académico.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam, em especial à minha orientadora responsável pelo relatório final, por todo o apoio, sabedoria e paciência ao longo de todo o processo, permitindo a conclusão deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada.

Resumo

Este relatório final surge no âmbito do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa (LGP).

O tema principal do relatório centra-se nas “Estratégias de ensino da LGP a crianças Surdas com medidas adicionais”, assim é importante salientar as adaptações realizadas para promover a igualdade e equidade no acesso ao currículo, no caso de duas crianças Surdas com medidas adicionais, acompanhadas ao longo do estágio.

Como parte da investigação foi tido em consideração a minha experiência de estágio, foi também realizada uma pesquisa bibliográfica, assim como a aplicação de um questionário/entrevista a uma das docentes que me acompanhou com o objetivo de recolher mais informações sobre o tema a abordar.

Concluimos assim que existem várias adaptações e estratégias que podemos realizar para promover, não só a igualdade, mas também a equidade nos alunos Surdos com medidas adicionais no processo de ensino e aprendizagem da LGP, sendo muito relevante a planificação cuidada das estratégias e dos materiais a usar nas diferentes sessões.

Palavras-chaves: Língua Gestual Portuguesa, medidas adicionais, abordagem multinível

Abstract

This final report is part of the master's degree in teaching Portuguese Sign Language (LGP).

The main theme of the report focuses on "Teaching strategies for LGP for Deaf children with additional measures." It is therefore important to highlight the adaptations made to promote equal and equitable access to the curriculum in the case of two Deaf children with additional measures who were followed throughout the internship.

As part of the research, my internship experience was considered, and a literature review was carried out, as well as the administration of a questionnaire/interview with one of the teachers who accompanied me, with the aim of gathering further information on the topic under discussion.

We thus conclude that there are several adaptations and strategies that can be implemented to promote not only equality but also equity for Deaf students with additional measures in the teaching and learning process of LGP. Careful planning of strategies and materials to be used in the different sessions is highly relevant.

Keywords: Portuguese Sign Language, additional support measures, multilevel approach.

Índice

INTRODUÇÃO	- 1 -
PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 3 -
Capítulo 1 - História da Educação dos Surdos: da segregação à educação bilingue	- 4 -
Capítulo 2 - Educação Inclusiva em Portugal: Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e Abordagem multinível (AM).	- 10 -
Capítulo 3 - Estratégias de ensino	- 14 -
Capítulo 4 – O Currículo de LGP e o uso de estratégias específicas	- 22 -
PARTE II: PROJETO DE INTERVENÇÃO	- 25 -
Capítulo 1: Procedimentos metodológicos.....	- 26 -
Capítulo 2: Caracterização dos alunos e descrição da intervenção.....	- 26 -
Aluna A.....	- 26 -
Caracterização	- 26 -
Contextualização.....	- 27 -
A opinião da docente de LGP	- 27 -
Planificação da aula.....	- 28 -
Lecionação da aula	- 31 -
Principais adaptações:.....	- 34 -
Reflexão:	- 34 -
Aluna B.....	- 35 -
Caracterização	- 35 -
Contextualização.....	- 36 -
Planificação da aula.....	- 36 -
Lecionação da aula	- 39 -
Principais adaptações:.....	- 40 -

Reflexão:	- 41 -
Capítulo 3: Reflexões em torno da intervenção realizada	- 42 -
Exemplos:	- 43 -
CONCLUSÃO	- 45 -
BIBLIOGRAFIA	- 49 -
APÊNDICE	- 52 -
Apêndice 1 - PowerPoint 1º ano	- 53 -
Apêndice 2 - Ficha Adaptada 1º ano	- 58 -
Apêndice 3 - Ficha não adaptada	- 60 -
Apêndice 4 - PowerPoint 11º ano	- 61 -
Apêndice 5 – Exercício 11º ano Plickers	- 69 -
Apêndice 6 – Exercício 11º ano Wordwall	- 70 -
Apêndice 7 - Questionário Docente A	- 74 -

Lista de abreviaturas

1. ACNS - Adaptações Curriculares Não Significativas
2. ACS – Adaptações Curriculares Significativas
3. AM – Abordagem Multinível
4. DUA - Desenho universal para a aprendizagem
5. IJRP- Instituto Jacob Rodrigues Pereira
6. L1- Primeira Língua
7. L2- Segunda Língua
8. LGP – Língua Gestual Portuguesa
9. LP- Língua Portuguesa
10. PASEO - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
11. PCLGP – Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa
12. PEI – Plano Educativo Individual
13. RTP – Relatório Técnico Pedagógico

Lista de figuras

1. Figura 1 – DUA
2. Figura 2 – Planificação 1º ano
3. Figura 3 – Planificação 11º ano

INTRODUÇÃO

“O que a criança consegue fazer hoje com ajuda, conseguirá fazer sozinha amanhã.” Vygotsky, L. S. (1984 p. 112)

O presente trabalho foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I e II, do 2º ano do curso de Ensino em Língua Gestual Portuguesa, tendo como principal objetivo a apresentação do tema do relatório final que foi desenvolvido ao longo do ano letivo 2024/2025.

Este relatório começa pelo enquadramento teórico apresentando como a educação dos Surdos mudou, como era antigamente e como é atualmente, algumas estratégias de ensino que podem ser usadas, tal como algumas ferramentas de ensino, outro tópico importante a referir são as leis que estão em vigor relativamente aos alunos Surdos e as medidas que são aplicadas a estes alunos, tal como o currículo de LGP e o uso de estratégias específicas. Na componente de intervenção, descrevo e analiso a situação escolar, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de duas crianças Surdas com medidas adicionais, ao abrigo do DL 54/2018, de 6 de julho. Para o efeito, descrevo a minha experiência de estágio com as duas alunas, fundamento com a informação bibliográfica sobre o tema escolhido e ainda ausculto a opinião da docente que me acompanhou com a aluna A através da aplicação de um inquérito por questionário/entrevista.

Para concluir compilo esta informação, destacando os aspetos mais relevantes e apresentando algumas propostas de adaptações significativas realizadas no âmbito do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com medidas adicionais, tentando colocar o foco nas suas competências essenciais.

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 - História da Educação dos Surdos: da segregação à educação bilingue

Antes de abordarmos a educação dos Surdos, nos dias de hoje, é importante falarmos de como era antigamente, dos avanços realizados e como se chegou à educação que atualmente está prevista na legislação em Portugal.

Antes de se falar em educação dos Surdos, segundo Carvalho, (2011), em vários países como Palestina, Grécia e Roma (355 a.c.) acreditava-se que os Surdos eram providos de pensamento, logo incapazes de aprender, também existiam leis que criaram restrições para as pessoas Surdas como não poderem casar, aprender, ter filhos, nem tinham direito a heranças. No entanto no Egipto acreditava-se que as pessoas Surdas conseguiam comunicar com o Faraó, então eram protegidos e adorados. Finalmente Sócrates (360 a.c.) considerou que os Surdos por estarem privados da audição era lógico conseguirem comunicar pelas mãos. Na idade média ocorreu a primeira tentativa de educar um Surdo, mas só na Idade moderna, Ponce de Léon, foi considerado o primeiro professor de Surdos iniciando assim a educação de pessoas Surdas a nível mundial, utilizando o método gestual que foi usado e melhorado por vários “professores”. Nesta altura houve uma divisão entre o método oralista (John Wallis considerado o seu fundador) e entre o método gestual (Abade L’Epeé um dos seus grandes defensores). Na idade contemporânea começa a rivalidade entre o método oralista (Alexander Bell) e o método gestual (Thomas Galaudet).

Em 1880 ocorreu o congresso de Milão, que foi organizado por pessoas ouvintes que convidaram apenas pessoas que apoiavam a educação oralista, foi um dos momentos mais obscuros para a educação dos Surdos, pois foi quando a Língua Gestual e o método gestual foram banidos, todas as pessoas Surdas foram obrigadas a usar as línguas orais.

Segundo Carvalho (2011, p. 67)

“desde 1987 que Maria Augusta Amaral vinha revelando grande preocupação com o fraco desenvolvimento comunicativo das crianças e jovens

surdos do IJRP. Assim, em 1989, e em conjunto com Amândio Coutinho, efetuou um estudo aprofundado com um grupo de 100 alunos surdos com objetivo de identificar as reais dificuldades comunicativas e linguísticas dos alunos.”

Este estudo comprovou o fracasso do método oralista e a necessidade urgente de procurar uma nova metodologia para a educação dos alunos Surdos. Foi então no ano letivo de 1993/1994 que no IJRP traçaram novas linhas orientadoras para a educação dos alunos Surdos, foi a partir daqui que a educação dos Surdos mudou realmente, mas para a educação bilingue ser oficialmente implementada primeiro foi necessária a oficialização da Língua Gestual Portuguesa como uma língua em Portugal, a 15 de novembro de 1997.

As respostas educativas pressupõem a plena participação na vida da comunidade escolar, contemplando não só o contacto, mas também a comunicação satisfatória com os outros, a interação com iguais e um processo de aprendizagem conduzido globalmente na sua língua natural, ou seja, a Língua Gestual. É a esse princípio que responde a modalidade educativa bilingue para os alunos Surdos. Reconhecida, mas principalmente praticada, a Língua Gestual permite aos Surdos constituírem uma comunidade linguística e cultural minoritária diferente.

O bilinguismo é a proposta apresentada por escolas que disponibilizam às crianças Surdas a aprendizagem de duas línguas no contexto escolar, perspetiva que tem sido apontada pela investigação como sendo a mais adequada para o ensino de crianças Surdas.

O ensino bilingue assenta no reconhecimento da Língua Gestual como língua natural, partindo de seguida para o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita. Quando as crianças são ensinadas numa língua a que têm pleno acesso, a sua educação é mais bem-sucedida e são mais elevadas as suas aspirações pessoais e sociais.

Tal como qualquer outra criança, a criança Surda também deseja comunicar, ser ouvida, participar dentro da sua comunidade escolar, familiar, mas para isso precisa de conseguir fazê-lo. Mas, encontra principalmente duas barreiras, a primeira quando a sua língua natural (LGP) não lhe é introduzida, então não consegue oralizar nem comunicar na sua língua natural, e quando lhe é introduzida a LGP e consegue comunicar

fluentemente, as pessoas que o rodeiam não o percebem e por vezes nem se esforçam para comunicar com ele.

Existem crianças Surdas que têm contacto com a LGP ou pelos pais Surdos ou pelas escolas, quando estão inseridos nas escolas de referência, contudo esta não é a realidade da maioria das crianças Surdas que são filhas de pais ouvintes. Em 2023, foi publicada uma notícia que dizia que os estudos recentes revelam que os alunos Surdos, integrados nas escolas regulares, revelam piores resultados academicamente e socialmente.

A criação das escolas de referências para a educação bilingue de alunos Surdos (EREBAS), em que os alunos têm a LGP como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua não veio resolver o problema, uma vez que só se encontram em algumas cidades de Portugal, assim como a falta de informação fornecida aos pais ouvintes de crianças Surdas da existência das mesmas. Por exemplo, na minha área de residência as escolas EREBAS mais próximas encontram-se a uma hora de distância de carro, seria impossível uma criança fazer duas horas de viagem diariamente. Nestas situações a criança é “obrigada” a ir para as escolas regulares sem as ferramentas necessárias para se conseguir integrar e atingir bons resultados academicamente. Para colmatar esta situação é essencial haver LGP em todas as escolas do país, quer para a formação de pessoal docente e não docente, quer para o ensino dos alunos Surdos e ser dada a opção para os alunos ouvintes como uma segunda língua.

Destacam-se dois grandes problemas na educação das crianças Surdas, não terem contacto com a LGP desde cedo, tornando-as incapazes de comunicar na sua língua natural e a falta de pessoas que têm contacto direto com os alunos Surdos (professores, terapeutas, psicólogos, funcionárias) que conseguem comunicar com eles, porque não sabem língua gestual.

A modalidade recorrente de integração das crianças e jovens surdos caracteriza-se pela constituição de turmas exclusivamente com alunos Surdos. No âmbito da organização curricular, a LGP (L1) e a língua portuguesa (L2) são transversais ao currículo desde a educação pré-escolar e constituem-se como

disciplinas autónomas, regidas por programas curriculares próprios, sendo de carácter obrigatório para os alunos surdos que optem pela educação bilingue em escolas de referência. A participação em atividades desenvolvidas com crianças ouvintes no jardim de infância deverá ser assegurada em momentos específicos, periódicos, planeados pelos profissionais envolvidos. Nos ensinos básico e secundário, os alunos surdos cumprem o seu percurso escolar em turmas de alunos surdos, sem prejuízo da sua participação em atividades desenvolvidas na comunidade escolar, podendo integrar turmas de ouvintes, em grupo, evitando-se o seu isolamento, garantindo-se o acesso às aprendizagens e a tradução por um intérprete de LGP. (Baptista, 2023, p.44)

Existem várias variáveis ligadas ao aluno que devemos ter em conta como o grau da surdez, características e dificuldades, as características da escola, do curso e os conteúdos em questão.

O decreto-lei nº3/2008 estabelece a criação de escolas de referência para a educação bilingue onde a Língua Gestual é reconhecida como a primeira língua, língua portuguesa escrita como segunda e eventualmente a falada como descreve o modelo da educação bilingue, onde também vai estabelecer que haja uma igualdade de oportunidades entre os alunos Surdos e os alunos ouvintes criando assim condições para o seu desenvolvimento linguístico cognitivo emocional. Permitindo aos alunos Surdos desenvolver a sua língua num contexto natural obtendo contacto direto com outras crianças Surdas e adultos Surdos ou ouvintes que comuniquem em Língua Gestual. Estas escolas são constituídas por um grupo de profissionais especializados para trabalhar com os alunos Surdos, como docentes de Língua Gestual, docentes de educação especial, intérpretes de Língua Gestual, terapeutas da fala.

Considerando o exposto no artigo 23.º deste normativo legal “A educação das crianças e jovens Surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente,

falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social. (Baptista, 2023, p. 39)

Segundo o manual de apoio à prática de educação bilingue de alunos surdos (2009) a educação bilingue deve:

- 1) Promover uma participação na comunidade escolar, havendo comunicação e contacto com outros na sua língua natural, permitindo aos alunos Surdos construírem uma comunidade.
- 2) Permitir à criança Surda aprender duas línguas LGP e LP, estudos mostram que é o modo mais adequado para a educação de crianças Surdas. Reconhece a LGP como língua natural e primeira língua. Quando as crianças são ensinadas na língua a que têm pleno acesso, a sua educação é mais bem-sucedida e são mais elevadas as suas aspirações pessoais e sociais.
- 3) Promover a concentração de um número significativo de alunos Surdos, de todos os níveis de ensino e anos de escolaridade, permite a criação de uma comunidade visível na escola, inibe a constituição de guetos linguísticos e culturais e a condenação das crianças Surdas ao isolamento e à incomunicabilidade.
- 4) Proporcionar a descoberta e o domínio da LP escrita, as escolas de referência para a educação bilingue de alunos Surdos acompanham e asseguram uma transição de passagem à vida pós-escolar, daqueles que não pretendam prosseguir estudos superiores.
- 5) Oferecer a possibilidade de descobrir e aprender a LGP aos outros participantes da comunidade educativa. Os diferentes profissionais da escola devem ter a possibilidade de encontrar respostas formativas que passam pela oferta da disciplina ao nível das opções de escola, como segunda língua estrangeira, cursos de formação, certificados ou não, oficinas ou clubes de língua, atividades de enriquecimento curricular.

O decreto-lei 54/2018 também abrange a educação inclusiva, nomeadamente, defende o princípio da educação universal onde mencionam que todas as crianças têm

capacidades de aprendizagem e desenvolvimento, tendo o direito de ter todos os apoios necessários para ter acesso a uma educação onde ocorre um planeamento educativo centrado no aluno, ou seja, nas suas necessidades, potencialidades e interesses.

Para conseguirmos uma escola inclusiva, temos de olhar para os alunos dando-lhes o direito a um ensino que dê respostas ao seu potencial e às suas necessidades. A escola tem de fornecer um currículo educativo que permita a participação de todos de forma equitativa, fornecendo e proporcionando maiores níveis de coesão social. É neste contexto que foi criado o Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho, que substituiu o Decreto-Lei nº 3/2008 que regulamentou a educação especial durante uma década. O Decreto-Lei nº 54/2018 alicerça-se na educação inclusiva com o propósito e grande objetivo, de que cada aluno tenha o direito a uma educação que corresponda às suas necessidades. (Sousa, 2022, p. 15)

Capítulo 2 - Educação Inclusiva em Portugal: Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e Abordagem multinível (AM).

Atualmente, a educação inclusiva em Portugal centra-se no DL 54/2018 de 6 de julho, baseando-se em dois princípios fundamentais: o Desenho universal para a aprendizagem (DUA) e a Abordagem Multinível (AM).

A Educação inclusiva preconiza-se enquanto processo que visa responder à diversidade de necessidades dos alunos, através do investimento na intervenção multidisciplinar e do aumento da participação de todos na aprendizagem e na vida da comunidade escolar. Tem como missão a promoção do sucesso educativo de todos os alunos, garantindo equidade educativa, (Educação Inclusiva Manual de Apoio à Prática, 2023, p. 3).

O desenho universal para a aprendizagem (DUA), é uma abordagem curricular que acredita que cada aluno aprende de forma única e singular, oferecendo alternativas flexíveis, considerando que todos os alunos são diferentes e cada um aprende de forma diferente, ou seja, utilizando métodos, materiais, avaliação adaptada a cada aluno, mantendo sempre uma expectativa elevada na aprendizagem do mesmo. Tendo como objetivo oferecer igualdade de aprendizagem para todos os alunos, independentemente das suas dificuldades, removendo assim as barreiras à aprendizagem, dando aos docentes a flexibilidade para realizar as alterações necessárias de forma a motivar os alunos.

Os três princípios base do DUA são:

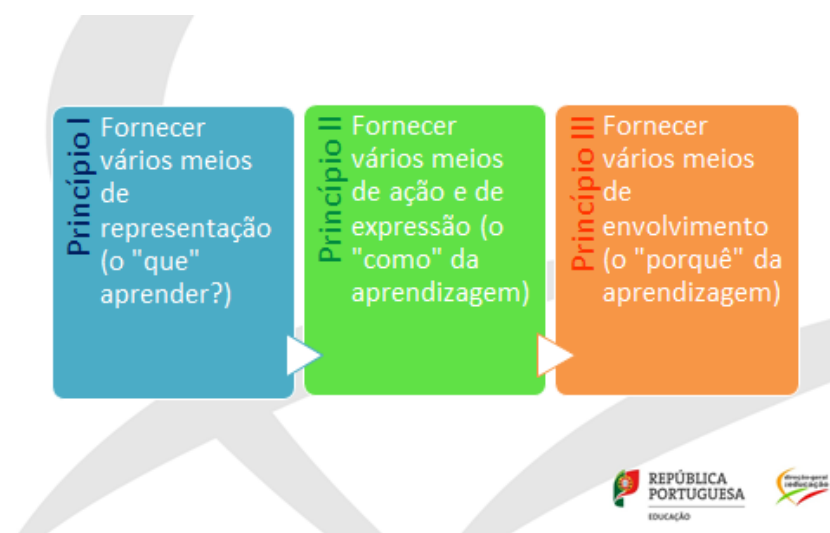


Figura 1 - DUA

Fonte: <https://site.aerdl.eu/index.php/desenho-universal-da-aprendizagem>

A abordagem multinível tem como objetivo o sucesso de todos os alunos através de um conjunto de medidas de suporte à aprendizagem, baseando-se numa ação proativa, mas também preventiva, este conjunto de medidas de suporte à aprendizagem será focada no desenvolvimento de aprendizagens e promoção de competências de cada aluno. Divide-se em três medidas, universais, seletivas e adicionais. O foco das abordagens multinível não é avaliar a aprendizagem, o que os alunos aprenderam, mas sim a avaliação para a aprendizagem, uma avaliação formativa em que o enfoque da avaliação é a aprendizagem. A abordagem multinível permite uma resposta flexível e escalonada às necessidades dos alunos, enquanto as adaptações curriculares garantem que essas necessidades sejam atendidas de maneira personalizada e eficaz.

Segundo o decreto de lei 54/2018 (artigo 2º, alínea a) as adaptações curriculares são:

“as medidas de gestão curricular que permitem o acesso ao currículo e às atividades de aprendizagem na sala de aula através da diversificação e da combinação adequada de vários métodos e estratégias de ensino”,

Essas adaptações podem ser adaptações curriculares significativas (ACS), que são as que têm “impacto nas aprendizagens previstas nos documentos curriculares” (Decreto-Lei nº 54/2018, 2018 (Art. 2º, alínea c)) e por consequência requerem a sua substituição por outras aprendizagens, ou adaptações curriculares não significativas (ACNS) que não interferem com as aprendizagens já definidas previstas no PASEO (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória) e por isso incluem apenas adaptações a nível de objetivos e conteúdo.

Estas medidas são formalizadas no Relatório Técnico-Pedagógico (RTP), que explica e justifica a insuficiência das medidas universais e seletivas. De seguida, são implementadas com os recursos disponíveis na escola ou recursos solicitados ao Ministério da Educação.

Segundo Barreiras e Artur (2022, p. 3-4), “no terceiro nível, mais restritivo, as medidas adicionais previstas são as seguintes: a frequência do ano de escolaridade por disciplinas; adaptações curriculares significativas (ACS); plano individual de transição; desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino estruturado e desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social. Assim, as ACS implicam (para além de um RTP) a elaboração de um Programa Educativo Individual (PEI). É este documento que operacionaliza essas adaptações curriculares significativas, assim como as aprendizagens e competências a adquirir pelos alunos, as estratégias de ensino e as adaptações ao processo de avaliação.”

O Programa Educativo Individual (PEI) refere também as “estratégias de ensino e das adaptações a efetuar no processo de avaliação” (Decreto-Lei nº 54/2018, 2018 (Art.

24º). Essas adaptações são da competência da escola, devendo constar no processo do aluno, incluem a diversificação dos modos de recolha de informação e como devem ser aplicadas.

Capítulo 3 - Estratégias de ensino

As estratégias de ensino são fundamentais para o processo de aprendizagem de forma a garantir que os alunos atingem o seu potencial e para isso existem vários tipos de métodos de ensino.

No método tradicional, o professor expõe os conteúdos, e difunde “um conhecimento pré-fabricado e impõe normas e convenções exteriores aos sujeitos que aprendem” (Barbosa, 2019, p. 6 citando Trindade, 2002, p. 8). Tendo como objetivo principal o conhecimento, e o aluno deve reter toda a informação transmitida, havendo também transmissão de valores.

No processo de aprendizagem por “condução” (Barbosa, 2019, p. 6 citando Trindade, 2002, p. 8), o aluno é um sujeito ativo no processo, desenvolve aprendizagens significativas dos conteúdos, mas também desenvolve capacidades de carácter transversal que certamente serão importantes no futuro, próximo ou mais longínquo.

Um dos exemplos deste método são os trabalhos de grupo, onde os alunos têm de trabalhar em conjunto e só isso já é uma forma de aprendizagem. Os alunos aprendem a respeitar a opinião dos outros, aprendem a cooperar entre si, a fazer ouvir a sua opinião com respeito e a resolver os conflitos que vão aparecendo através do diálogo. Isto ajuda o aluno a desenvolver competências sociais que lhe vão ser úteis no futuro, tanto a nível pessoal como profissional. Assim, apenas com um “trabalho de grupo”, independente do conteúdo a ser trabalhado, o aluno consegue desenvolver e trabalhar várias competências de diferentes domínios.

“Segundo o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, cabe aos professores fazer “alterações de práticas pedagógicas e didáticas de forma a adequar a globalidade da ação educativa às finalidades do perfil de competências dos alunos” (Barbosa, 2019, p.8 citando Martins et al, 2016, p. 31)

O docente deve ter em consideração que a planificação é um processo demorado que requer cuidado. Deve encontrar os recursos/materiais mais eficazes para a estratégia

de ensino que pretende utilizar, refletir sobre o que aluno irá aprender e analisar as suas necessidades para definir a melhor abordagem.

Durante o processo de ensino, quando são aplicadas as estratégias de aprendizagem, seja qual for o tipo de estratégia utilizada, para ela surtir o efeito desejado, é essencial existir cooperação entre os vários intervenientes no processo. Também tem de se ter em consideração a turma em questão, os objetivos e o conteúdo que pretende desenvolver, as condições da sala de aula e os materiais a que tem acesso. Ao mesmo tempo que o docente escolhe uma estratégia de ensino e a aplica, o aluno também vai desenvolver uma estratégia de aprendizagem, ou seja, no ensino dito tradicional o professor transmite apenas a informação que é avaliada no teste escrito, então a estratégia de aprendizagem utilizada pelo aluno consiste em ler a informação várias vezes e elaborar resumos com o objetivo de memorizá-la para o teste. Contudo, essa estratégia deixa de ser eficaz quando são aplicadas as estratégias de ensino mencionadas anteriormente, cujo objetivo é desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas. Assim, o aluno precisa adaptar a sua estratégia de aprendizagem.

Com base em Barbosa, (2019 p. 13- 14 citando Vieira e Vieira, 2005), elaborei um breve resumo sobre a classificação das estratégias, as quais podem ser organizadas segundo critérios diferenciados, conforme os autores mencionados.

Segundo Pereira:

- Centradas no professor (está ativamente envolvido);
Exemplos: exposição verbal, demonstração, ilustração e exemplificação, caracterizam o método de exposição;
- Centradas no aluno (o aluno está ativamente envolvido, o professor é mais passivo);
Exemplos: estudo dirigido, fichas didáticas, pesquisa escolar e instrução programada.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990):

- Indutivas - o aluno observa e analisa (documentos, experiências, dados), de seguida, ocorre a compreensão e consolidação do que foi observado e por último apresentam novos dados para confirmar que houve a compreensão dos conceitos;
- Dedutiva – o professor apresenta o conceito e de seguida o aluno clarifica e define os termos/conceitos apresentados, por último o docente apresenta um exemplo e o aluno também.

Para Borrás (2001):

- Ensino e aprendizagem de conteúdos, de procedimentos, como trabalho por projetos e oficinais;
- Estratégias de resolução de problemas e de aprendizagem permitem a aquisição de vários conteúdos.

Para Trindade (2002):

- Estratégias onde o aluno tem um papel ativo (visitas de estudo, atividades de observação, resolução de problemas, brainstorming);
- Atividades de cooperação que promovam a aprendizagem em grupo, projetos de intercâmbio escolar, debates, dramatização e diário da turma.

Para Spitz (1970):

As estratégias são classificadas com base no princípio da realidade:

- Situações de vida real:
 - Inquérito (pesquisa bibliográfica, trabalho de campo: biográfica);
 - Meditação (diálogos sucessivos, ensaios argumentativos);
 - Estruturadores gráficos (organizadores gráficos, redes, hierarquias ou organigramas, diagramas, fluxogramas);
 - Questionamento;
- Simulações da realidade:
 - Discussão de pequeno grupo (Role play, dramatização ou teatralização, sociodrama, psicodrama, Philips 66, brainstorming, díade, painel de discussão: grupo de discussão, jogos, estudo de caso);

- Debate (trabalho de grupo, estudo orientado em equipas, seminário, exploração de recursos);

- Trabalho-projeto;

- Trabalho experimental;

- Oficina ou laboratório;

- Reflexão ou círculo de estudos;

- Poster;

- Abstrações da realidade:

- Exposição (leitura, escrita, discurso, leitura-demonstração, exposição demonstração, ensino programado, ensino assistido por computador, ensino auditivo: recitação);

- Treino ou prática;

- Exame.

Ao consultar a literatura sobre estratégias pedagógicas, identificam-se diversas nomenclaturas e orientações, tais como:

Aprendizagem cooperativa, é muito eficaz principalmente quando o aluno é responsabilizado pela sua aprendizagem.

Estratégia de discussão, como o nome indica irá ocorrer a discussão de conceitos e a apresentação de ideias alternativas, por isso é essencial a interação entre os alunos e também entre os alunos e o professor.

Relativamente às atividades lúdicas ou jogos são uma estratégia muito forte e rica que oferece muitas oportunidades de aprendizagem aos alunos, numa perspetiva mais descontraída o que leva a um maior entusiasmo por parte dos alunos.

Uma estratégia de resolução de problemas como o nome indica, permite resolver problemas permitindo ao aluno passar por todas as fases de resolução desse problema, levando-o a criar um pensamento crítico.

Relativamente à metodologia do trabalho-projeto, o aluno é o responsável pela sua própria aprendizagem (learning by doing it), envolvendo uma componente mais prática e autónoma por parte do aluno.

Existem vários modelos de ensino:

Codocência – apoiar o aluno de forma a antecipar ou suprimir as suas dificuldades nos vários domínios, podendo ser como apoio individual ou aprendizagem cooperativa.

Aprendizagem cooperativa – conjunto de métodos onde os alunos assumem diferentes papéis e partilham o conhecimento entre si.

Colaboração entre professores – por exemplo colaboração entre professores de educação especial e de ensino regular, para permitir a inclusão de crianças que beneficiem de medidas de suporte à aprendizagem.

Co-ensino – é quando dois docentes estão presentes na sala ao mesmo tempo e ensinam ao mesmo tempo.

Modalidades de parcerias pedagógicas:

Ensino paralelo:

- A planificação e a leção da aula são da responsabilidade dos dois professores;
- A turma é dividida em dois grupos iguais e cada professor ensina cada grupo;
- O método de ensino pode ser diferente, mas a informação é transmitida em paralelo;
- Esta modalidade permite dar mais apoio aos alunos, uma maior supervisão e uma participação mais ativa por parte dos alunos.

Ensino em estações

- A planificação e a leção da aula são da responsabilidade dos dois professores;
- A turma está dividida em três grupos, cada professor ensina uma porção do conteúdo a um grupo e vai rodando pelos vários grupos;
- O terceiro grupo permite aos alunos de trabalhar de forma autónoma;
- Esta modalidade dá oportunidade aos alunos de participarem com mais frequência, e como a turma está dividida em grupos dá oportunidade ao professor de acompanhar os alunos mais de perto.

Ensino em equipa

- A planificação e a lecionação da aula são da responsabilidade dos dois professores;
- A turma não é dividida em grupos e os professores dão a aula em simultâneo trabalhando em equipa;
- Nesta modalidade tem de haver muita confiança e entreaajuda por parte dos dois professores, sendo uma abordagem mais complexa, mas também mais gratificante.

Ensino alternativo

- A planificação e a lecionação da aula são da responsabilidade dos dois professores;
- A turma é dividida em dois grupos um maior, com a maioria dos alunos, e o outro menor, com os restantes alunos;
- O grupo menor pode ser formado para pré-aprendizagem, atividades de enriquecimento, ensino individualizado, etc;
- Esta modalidade usa-se quando o conhecimento dos alunos não está ao mesmo nível.

Um ensina, o outro observa

- Um professor é responsável pela planificação e pela lecionação, enquanto o outro professor observa, ou seja, um professor dá a aula e o outro observa e retira informações importantes sobre a mesma, os papéis não devem ser estáticos;
- Esta metodologia é mais adequada durante as primeiras semanas de aulas e/ou perto do final do ano letivo (deve utilizar 5-10% do tempo de aulas em cada período letivo);
- Com esta metodologia os professores conseguem focar-se nas necessidades dos alunos e monitorizar as suas competências.

Um ensina, o outro auxilia

- Um professor é responsável pela planificação e pela lecionação, o outro circula pela sala e presta assistência aos alunos sempre que necessário;

- Esta metodologia não deve ser usada com muita frequência e os professores devem trocar de papéis com regularidade;
- Permite uma abordagem útil no ensino de certas matérias e em certos tipos de aula também permite um maior acompanhamento do comportamento dos alunos (social e académico).

Existem diversas estratégias de ensino e aprendizagem que permitem atingir objetivos diferentes. Cabe ao docente conhecer o leque de estratégias que permitam tornar as aulas mais enriquecedoras e dinâmicas, potenciadoras de uma aprendizagem significativa de conteúdos específicos das diferentes áreas científicas, mas também potenciadoras de múltiplas outras aprendizagens. (Barbosa, 2019, p.16)

Quando estamos a escolher as estratégias de aprendizagem temos de ter sempre em consideração os resultados que pretendemos obter. Todos os professores têm diferentes conceitos de “ensinar” tal como o aluno de “aprender”, por isso o uso de estratégias envolve esforços por parte de ambos. Também é uma tendência o professor apenas focar-se nos conteúdos curriculares e como transmitir essa informação, sendo que o aluno apenas tem de se focar nessa informação, quase como um “copy and paste”, ou seja, o professor transmite essa informação, o aluno decora essa informação e de seguida despeja-a no teste e muitas vezes o que acontece é que depois do teste/avaliação acaba por esquecer essa informação. Atualmente é importante o aluno desenvolver um pensamento crítico, onde é capaz de pensar por ele, resolver problemas, envolvendo-o no processo de aprendizagem, onde pode ter um papel ativo, sendo esse o objetivo (modo de aprendizagem) de algumas destas estratégias, que se focam no aluno, na sua aprendizagem e nos seus problemas associados a ela. Muitas vezes, não se vai acertar à primeira no melhor método de ensino para determinado conteúdo ou aluno, mas tem de se ir experimentando, tentando sempre que o aluno possa ter uma participação ativa aumentando o seu interesse sobre a temática.

Apesar de por vezes o professor utilizar a estratégia correta pode haver outros fatores que é importante ter em consideração como as condições da escola, da sala, os recursos

que o docente tem disponíveis, as condições sociais dos alunos, a idade dos alunos, o número de alunos na turma e os diferentes níveis de dificuldades que estão nela inseridos e o tempo semanal que tem a sua disciplina.

Devem-se definir procedimentos de ensino com certa precisão. Para ter uma determinada proposta pedagógica é preciso compreender que os procedimentos de ensino selecionados ou construídos sejam mediações da proposta pedagógica e metodológica. Estes devem estar estreitamente articulados, e se a intenção é obter resultados concretos, têm que se selecionar ou construir procedimentos que conduzam a esses mesmos resultados. No contexto da preparação da proposta pedagógica, o educador deve lançar mão dos conhecimentos científicos disponíveis e atualizados, estar permanentemente alerta para o que se está a fazer, avaliando a atividade e tomando novas e subsequentes decisões. (Simões, 2021, p.15)

Capítulo 4 – O Currículo de LGP e o uso de estratégias específicas

O Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa (PCLGP) “surge com o principal propósito de pôr em prática os princípios legais que defendem a sua utilização para a igualdade de oportunidades, no acesso à educação.” (Ministério da Educação, 2007, p. 5).

O PCLGP foi uma grande conquista para a LGP e para a seu estatuto de disciplina, mas infelizmente o PCLGP encontra-se desatualizado, visto que não sofreu alterações desde a sua criação em 2007.

O programa curricular, por si só, revela deficiências no que diz respeito à criação de atividades educativas apropriadas e à distribuição dos materiais literários alinhados com as competências recomendadas. Ademais, tendo em conta as transformações verificadas em diversos contextos, é inconcebível que o PCLGP permaneça inalterado desde 2007/2008. Este cenário exige uma revisão profunda para atender às necessidades e expectativas da Comunidade Surda, bem como para acompanhar o desenvolvimento e a valorização da Literatura Surda. (Campos, 2024, p. 19)

Além disso o PCLGP não apresenta conteúdos específicos para serem lecionados, apenas competências a atingir, o que leva a uma desigualdade no ensino da LGP, porque depende do docente de LGP que está a lecionar. O que observei durante o meu estágio foi que cada docente cria um currículo baseando-se no PCLGP, com conteúdos exatos, com obras literárias, tentando englobar competências mencionadas no PCLGP. Comparando com outras disciplinas seria impensável cada docente ensinar o que pensa ser mais correto, guiando-se apenas pelas competências que o aluno deve atingir sem ter conteúdos específicos que precisa de abordar. O PCLGP deve ser atualizado com urgência e deve ser reestruturado de modo a ter conteúdos específicos para cada ano letivo, de

modo que todos os alunos Surdos aprendam as mesmas temáticas, independentemente da escola em que se encontram.

Na minha opinião, seria fundamental a criação de manuais de Língua Gestual Portuguesa (LGP), pois constituiriam uma mais-valia para o seu ensino. Um exemplo é o livro *Turma do Dinis*, da autora Marta Morgado, desenvolvido para o 1.º ano de escolaridade, que inclui exercícios, vídeos em LGP e imagens com vocabulário. A produção de livros semelhantes deveria ser uma prioridade, uma vez que contribuiria para garantir a igualdade no ensino da LGP em todas as escolas.

Apesar destes constrangimentos, importa destacar a relevância do Decreto-Lei n.º 54/2018, que permite aos docentes de LGP adaptar materiais e temáticas às necessidades dos alunos surdos, através da implementação de medidas e de adaptações específicas.

Estas adaptações são individuais e variam de aluno para aluno, ou seja, uma mesma adaptação pode não funcionar da mesma forma para todos os alunos, é fundamental observar o aluno, de modo a perceber as alterações que são necessárias fazer de forma a alcançar o resultado esperado.

Durante o meu estágio utilizei várias estratégias específicas para responder às dificuldades das alunas Surdas com medidas adicionais com que trabalhei, algumas dessas adaptações já eram realizadas pelos seus docentes, outras implementei-as depois de as observar a trabalhar em contexto de sala de aula.

Com base nas necessidades educativas das crianças Surdas e considerando as observações detalhadas previamente partilhadas. Apresento de seguida estratégias específicas que promovem uma prática de ensino mais inclusiva.

- Adaptação do currículo:
 - Seleção de conteúdos essenciais e adequação ao nível de desenvolvimento do aluno;
 - Utilização de materiais simplificados ou alternativos.
- Flexibilidade na avaliação:

- Ajuste no formato das provas (exemplos: questões mais curtas, uso de imagens, respostas gestuais);
- Mais tempo para a realização das tarefas;
- Valorização da avaliação contínua informativa.
- Diversificação de metodologias:
 - Ensino estruturado e sequencial, com apoio visual e gestual;
 - Uso de tecnologias de apoio (software educativo, comunicação aumentativa);
 - Trabalho prático e funcional, ligado à vida real.
- Organização do ambiente:
 - Espaço acessível e livre de distrações;
 - Apoio individual ou em pequenos grupos.
- Promoção da autonomia e competências funcionais:
 - Estratégias que desenvolvam pensamento crítico e resolução de problemas, adaptadas o ritmo do aluno;
 - Planos individualizados com objetivos claros e mensuráveis.
- Articulação com recursos especializados:
 - Apoio de docentes de educação especial, terapeutas e intérpretes (quando aplicável);
 - Implementação de PEI (Programa Educativo Individual) e, se necessário, Plano Individual de Transição.

PARTE II: PROJETO DE INTERVENÇÃO

Capítulo 1: Procedimentos metodológicos.

A presente intervenção teve como principal objetivo observar como as medidas adicionais de duas alunas Surdas com outras dificuldades associadas, num caso motoras e noutro caso cognitivas, eram e podiam ser aplicadas em sala de aula usando determinadas estratégias.

Para o efeito, procurei saber, através de um inquérito por entrevista, realizado à professora de LGP, com 12 perguntas abertas contendo aspetos essenciais para uma intervenção bem-sucedida, quais eram as medidas adicionais e estratégias usadas pela mesma.

Para a apresentação de cada um dos casos, irei basear-me na análise do processo e no registo das observações sistemáticas que fui fazendo. No meu estágio trabalhei com duas alunas com medidas adicionais uma no primeiro ano (primeiro ciclo) e outra no décimo primeiro ano (ensino secundário), que irei mencionar como aluna A e aluna B, respetivamente.

A observação sistemática consistiu na observação direta e no registo daquilo que ia observando, neste caso as estratégias usadas nas adaptações feitas aos planos individuais das alunas com medidas adicionais.

Capítulo 2: Caracterização dos alunos e descrição da intervenção

Aluna A

Caracterização

Segundo o seu RTP é uma criança com surdez moderada de grau 2 à esquerda e surdez severa à direita, encontra-se adaptada com próteses auditivas bilateralmente com bons ganhos. Forma espática bilateral de paralisia cerebral que lhe condiciona

dificuldades motoras e epilepsia. Esta aluna encontra-se numa cadeira de rodas a maior parte do tempo alternando com um andarilho em curtos períodos, tem pouca mobilidade motora tanto nos membros superiores como nos membros inferiores, devido a essa pouca mobilidade nos braços e mãos, a aluna A não consegue muitas vezes realizar os gestos de forma perfeita, apesar disso, é uma aluna que se esforça bastante e tem vontade de aprender. Por esse motivo, as atividades para a aluna têm de ser adaptadas e muitas vezes realizadas com ajuda. A aluna A tem várias atividades extra, como fisioterapia, terapia da fala, entre outras, por vezes a aluna fica cansada e tem tendência a distrair-se, então também é importante estar constantemente a interagir com ela para ter a certeza que está a acompanhar e também perceber se a aluna está cansada e como consequência não está a conseguir acompanhar, nesse caso não devemos insistir.

Contextualização

Esta aluna encontra-se no 1º ano de escolaridade, sendo também o 1º ano de exposição à LGP. A aluna está integrada numa turma com mais 4 alunos Surdos, dois do 3º ano, um do 2º ano e uma do 1.ºano, estes alunos têm todas as aulas juntos.

Na aula que lecionei o aluno do 2º ano e um dos alunos do 3º ano, não compareceram, então lecionei a aula apenas para um aluno do 3º ano e para as duas alunas do 1º ano. A aluna A durante as aulas de LGP está apenas acompanhada pela docente de LGP, nas restantes aulas está acompanhada por um técnico que a auxilia em todos os exercícios, também está presente na sala a professora titular e também a docente de LGP. Durante os intervalos está sempre acompanhada por uma assistente operacional.

A escola onde a aluna se encontra é relativamente pequena, nos intervalos todas as crianças brincam juntas e todos os alunos se conhecem.

A opinião da docente de LGP

Com base na aula foi efetuado um questionário à docente e ao trabalho com crianças Surdas com medidas adicionais e adaptações que são realizadas, tendo isso em conta as respostas foram as seguintes:

A referida docente possui 15 anos de experiência, está a lecionar no centro do país, neste momento está a lecionar 1º ciclo e pré-escolar. Já frequentou algumas formações dentro desta temática, tal como *“As Lideranças na Promoção de Ambientes Educativos Inclusivos”*, na modalidade de Curso de Formação, no ano de 2023, com a duração de 25 horas e *“Para uma Educação Inclusiva”*, na modalidade de Curso de formação, com a duração de 25 horas no ano de 2021.

Os principais desafios que a docente enfrenta é a comunicação com a família, muitas vezes a articulação com as famílias é uma das partes mais difíceis enquanto docentes, pois por vezes os alunos têm situações familiares complicadas, mas para conseguirem fazer um trabalho de forma coerente e eficaz é necessário o apoio da família do aluno.

Segundo a docente as medidas adicionais são para garantir o acesso e igualdade na educação para todos os alunos, alguns dos exemplos concretos que apresentam são materiais adaptados e apoio especializado, algumas das estratégias mais eficazes são o apoio individualizado e a diferenciação pedagógica.

A docente aponta que as estratégias que usa para a adaptação das aulas são adaptações nas avaliações, tecnologias e materiais diferenciados, sendo que as maiores dificuldades que enfrenta é a limitação de recursos e avaliação justa.

Relativamente à avaliação dos alunos surdos que beneficiam de medidas adicionais, a docente considera que esta deve ser ajustada às suas necessidades, garantindo flexibilidade nas formas de resposta, no formato e no tempo para realização das questões. Nestes casos, a avaliação contínua revela-se uma estratégia mais adequada e benéfica.

A docente mencionou que as adaptações e estratégias mais eficazes eram a personalização do ensino e o apoio individual, acrescentando que o uso de LGP é importante, tal como a inclusão e acessibilidade no ambiente escolar.

Planificação da aula

Os temas para estas aulas foram escolhidos em conjunto por mim e pela docente, para a aula do 3º ano a temática escolhida foi *“A Capuchinho Vermelho”* e para o 1º ano foi *“A turma do Dinis – o meu animal preferido”*.

Antes de realizar a planificação da aula, conversei com a docente sobre as adaptações que utiliza para trabalhar com a aluna A, uma das adaptações benéfica para esta aluna seria ter aulas individuais ou um docente/ técnico que auxilia-se a aluna, infelizmente essa não é uma das possibilidades, a docente referiu que a aluna se distrai com alguma facilidade e que devemos estar constantemente a verificar se está a tomar atenção, mas não devemos reprimir a aluna dizendo “Está atenta” mas sim, ir realizando perguntas à aluna, claro que adequadas às suas dificuldades, ou pedir à aluna para ir repetindo alguns gestos. Outras das adaptações que a docente mencionou foi utilizar com alguma frequência o método de colagem com a aluna, visto que tem dificuldades em segurar o lápis e como consequência em escrever, torna-se, mais fácil para a aluna colar as respostas nos exercícios.

Outra adaptação que a docente não referiu mas que observei, na parte inicial das fichas a docente colocava a tracejado o nome e data para a aluna de seguida conseguir escrevê-los, que acho essencial para estes alunos, seria mais fácil para a docente escrever o nome e a data pela aluna mas é importante ser a aluna a fazê-lo e acima de tudo conseguir fazê-lo. Sinto que, por vezes, alguns docentes tendem a fazer o trabalho de alunos com muitas dificuldades, porque dizem que não conseguem, que não vale a pena, mas muitas vezes não é esse o caso, o aluno consegue e é capaz apenas temos que realizar algumas alterações, como neste caso, a aluna passa por cima do tracejado e consegue escrever o seu nome e a data, sendo importante para o seu futuro saber e conseguir fazê-lo. E aos poucos e poucos a aluna vai conseguir fazê-lo sozinha, que é objetivo quando trabalhamos com alunos com medidas adicionais com dificuldades agravadas, é dar-lhes autonomia para no futuro conseguirem fazê-lo sozinhos.

De seguida, vou apresentar a planificação que realizei para a aula do 1º ano para ambas as alunas. É uma planificação para uma aula de 90 minutos (dividida para os dois anos letivos), com atividades diferentes adequadas às dificuldades e necessidades de cada uma. Por exemplo, as atividades diferiam em termos de grau de dificuldade e na sua forma de resolução, mas a base dos exercícios era a mesma. Uma planificação é apenas um guia, temos de trabalhar de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos ao longo do decorrer da aula, ou seja, neste caso a aluna tinha três exercícios, e no final, o objetivo era revê-los com o intuito de a aluna repetir os gestos para consolidar o tema,

observei que a aluna estava cansada, já não estava a responder de forma assertiva, então em vez de repetir novamente os exercícios, optei por lhe dar um desenho, dentro do tema, para poder desanuviar nos últimos 10 minutos da aula.

1º Ciclo – 1º ano

Alunos: 2

Tema: A turma do Dinis "o meu animal favorito"

Área Curricular: Literacia em LGP

Duração: 90 minutos

Competências/Conteúdos	Descritores de desempenho/objetivos/AE	Percurso de aula	Recursos	Avaliação
Interação em LGP Comunicação em grupo Literacia em LGP Utilização de recursos	Esperar a sua vez e tomar a palavra em grandes grupos; Conhecer várias histórias em suporte visual, ilustradas e narradas em LGP.	A docente inicia a aula apresentando a história que ser estudada "A turma do Dinis – O meu animal favorito", com um PowerPoint como apoio visual para ajudar as alunas. De seguida, questiona as alunas se têm dúvidas para	PowerPoint Livro "A Turma do Dinis" Ficha de trabalho	Observação direta (filmando as respostas aos exercícios para avaliar); Esperar pela sua vez, enquanto discutimos sobre a história apresentada

Literacia em LGP Análise literária Literacia em LGP Análise literária Estudo da Língua Dactologia Estudo da Língua Dactologia	Identificar intervenientes, personagens e ações (em contos, etc.); Ver e contar histórias em LGP, interagindo com o grupo nas discussões das histórias; Praticar a receção e produção do alfabeto gestual; Soletrar corretamente o seu nome, o nome de pessoas familiares e	assegurar que conseguem realizar a atividade com sucesso. Por fim, explico a atividade às alunas, ajudando-as na sua resolução. A atividade será individual, as alunas têm de resolver uma ficha de trabalho sobre a história, a ficha será diferente para cada aluna devido às medidas adicionais delas. Na ficha sem adaptações o primeiro exercício é de escolha múltipla, tem a imagem de alguns animais e tem duas opções de imagens de gestos e tem		Identificar as personagens na história Conseguir realizar a ficha de trabalho sem dificuldades Usar a dactologia de forma correta Expressar e comunicar as suas dúvidas
--	--	--	--	--

	pequenas palavras do seu conhecimento em dactilologia.	de escolher a imagem correta. No segundo exercício tem de ligar a imagem do animal à sua palavra escrita em dactilologia, para esta atividade a aluna pode utilizar aos materiais do seu dossiê, nomeadamente, o alfabeto manual. No terceiro exercício a aluna tem de desenhar o seu animal favorito. Na ficha adaptada no primeiro exercício tem de colar a palavra escrita acompanhada com um desenho do animal por baixo do gesto correto, no		
		segundo exercício a aluna tem de ligar a imagem do animal à imagem do seu gesto, e por último também tem de desenhar o seu animal favorito. Para terminar, a docente questiona novamente as alunas se têm dúvidas.		

Figura 2 - Planificação 1º ano**Fonte:** Elaborado pela autora**Lecionação da aula**

Agora vou explicar detalhadamente como lecionei essa aula tendo como foco principal as adaptações e estratégias facilitadoras que fiz para a aluna A. É importante ter em consideração que a aula não foi só para a aluna A, também foi para a outra aluna do 1º ano e um aluno do 3º ano. Comecei por lecionar a aula do 3º ano, mas também incluí as alunas do 1º ano, tendo adaptado as perguntas para a aluna A. Por exemplo, a temática era a história do “capuchinho vermelho”, durante a atividade fui ensinando alguns gestos à aluna A que estavam presentes nas imagens da história, com o objetivo de ela depois os reproduzir na atividade seguinte. Depois de eu contar a história pedi aos alunos para, com a ajuda das imagens fornecidas na apresentação, recontarem a história por palavras deles,

como esta era uma atividade com um nível de dificuldade elevado, para a aluna A em vez de recontar a história fui-lhe pedindo para reproduzir os gestos ensinados anteriormente. O importante a realçar é que qualquer atividade pode ser adaptada a qualquer aluno, sendo fundamental incluí-los nas atividades da turma.

Para apresentar o tema utilizei um PowerPoint (Apêndice 1) com as imagens da história, e para a realização da atividade e avaliação utilizei fichas (Apêndice 2 e 3) para arquivarem nos seus dossiês. Como não existem manuais de LGP acho que é importante todos os alunos, incluindo os alunos com medidas adicionais, terem os materiais e as temáticas lecionadas documentados e organizados, por esse motivo escolhi o formato de fichas.

Na atividade do 1º ano utilizei as imagens do livro para criar um PowerPoint (Apêndice 1) da história, tinha uma imagem do animal, do nome gestual da criança e da criança com o seu animal preferido. À medida que ia explicando a história ia fazendo perguntas à outra aluna, enquanto à aluna A, apenas ia pedindo para realizar o gesto do animal e do nome gestual da criança. No final da história mostrei alguns vídeos de um gorila que consegue fazer alguns gestos, como é mencionado na história, e para finalizar voltei a rever a história, mas desta vez a outra aluna tinha de dizer a qual criança aquele animal preferido pertencia, mais uma vez a aluna A apenas realizou os gestos dos animais.

A atividade consistia numa ficha, sendo que a ficha da aluna A estava adaptada devido às suas medidas adicionais, também teve de ser feita com ajuda devido à sua fraca mobilidade manual. Na ficha da outra aluna o primeiro exercício era de escolha múltipla, tinha a imagem de alguns animais e tinha duas opções de imagens de gestos e tinha de escolher a imagem correta. No segundo exercício tinha de ligar a imagem do animal à sua palavra escrita em dactiologia, para esta atividade a aluna podia utilizar os materiais do seu dossiê, nomeadamente, o alfabeto manual. No terceiro exercício a aluna tinha de desenhar o seu animal favorito. Depois de terminar, enquanto eu ajudava os outros alunos, pintou um desenho de um gato (que era o seu animal favorito), com esta atividade aproveitei para rever os gestos das cores que iam usando.

Para a atividade da aluna A, no primeiro exercício tinha de colar a palavra escrita, acompanhada com um desenho do animal por baixo do gesto correto. Para esta atividade

optei pelo método de colagem em vez do método de escolha múltipla, primeiro também para ter a certeza de que a aluna realmente sabia quais os gestos pois, como ela não tem muita mobilidade manual por norma tem de ter sempre auxílio na sua realização (normalmente aponta qual é a resposta que acha que está correta), então como só havia duas opções queria perceber se ela realmente tinha percebido os gestos. Neste método de colagem podemos colocar todas as respostas juntas, assim tem mais opções de escolha, em vez de apenas duas, conseguindo associar não só o gesto à palavra, como também a um desenho do animal (que era o mesmo que mostrei no PowerPoint).

No segundo exercício a aluna tinha de ligar a imagem do animal à imagem do seu gesto, neste exercício a aluna já conseguiu fazer sozinha, mas, continua a necessitar de auxílio, porque é necessário realizar a pergunta em LGP, de seguida apontar para a imagem e perguntar qual é o gesto e de seguida reproduzir os gestos das opções de resposta. É importante criar exercícios em que a aluna consiga ser autónoma na sua realização, para lhe dar um sentido de independência, mas é sempre importante realizar ambas as perguntas e as respostas em LGP à medida que a aluna vai realizando o exercício.

Para a terceira atividade também tinha de desenhar o seu animal favorito, o objetivo principal desta atividade era a aluna poder descansar, como referi em cima ela por vezes fica cansada. Depois de fazer o desenho, podemos realizar várias perguntas relacionadas com o mesmo, neste caso, foi do animal favorito dela (cão) e realizei algumas perguntas, como se tinha cão, se sim quantos, de que cor, é grande ou pequeno, se tinha mais animais, entre outras. Por vezes, estes alunos têm alguma dificuldade em entender as perguntas, nestas situações devemos colocar as questões de outras formas, dar exemplos, usar mímica ou gestos mais visuais e descritivos e ir tentando perceber o que melhor se adequa a cada aluno.

Enquanto terminava com o aluno do 3º ano, a aluna A pintou um desenho e aproveitei para ir revendo algumas cores, uma vez que verifiquei nas aulas observadas que a aluna gostava de pintar, constatei que esta abordagem de ter vários alunos de diferentes anos letivos não é a melhor, porque tem de haver uma divisão e organização do tempo da aula de uma forma muito estratégica, mas infelizmente é a realidade em muitas escolas.

Concluindo, para esta aluna as principais adaptações realizadas na ficha foram principalmente devido à sua fraca mobilidade manual e também à sua “attention spam”.

Principais adaptações:

- Resposta colada, ou seja, em vez de o aluno escrever, escolha múltipla ou outro método colocamos as respostas em papéis separados e assim o aluno pode apontar ou pegar (se conseguir) e colar ao lado/cima/baixo da sua resposta;
- “Tracejar nome”, mesmo para os alunos com pouca mobilidade manual é importante saberem escrever o seu nome, então quando o aluno ainda não sabe escrever o seu nome ou tem algumas dificuldades, podemos colocar para picotar/tracejar o seu nome, isto também pode ser feito com a data;
- Usar jogos/desenhos lúdicos como forma de aprendizagem;
- Usar os interesses da criança como ferramenta de ensino;
- Gestuar todas as perguntas e respostas com calma;
- Reformular as perguntas até o aluno entender;
- A repetição é importante;

Reflexão:

Durante o meu percurso a observar e a trabalhar com a aluna A, constatei que tinha imenso potencial, sendo capaz de reter conhecimento e de expressá-lo, mesmo tendo em conta as suas dificuldades motoras.

Na atividade que apresentei à aluna, mostrou bons resultados e conseguiu realizar todos os exercícios sozinha de forma correta. Apenas necessitou que as perguntas fossem explicadas em LGP, o que demonstrou que percebeu a temática e que consegue compreender e raciocinar sozinha. A maior dificuldade da aluna é conseguir realizar os gestos de forma correta, devido à fraca mobilidade manual, a aluna consegue entender mais do que consegue comunicar e aquilo que consegue comunicar não é efetuado de forma correta e não deve ser avaliado como tal.

Por último, quando realizei perguntas à aluna relacionadas com a temática, enquanto desenhava, a aluna conseguiu comunicar, de forma básica, mas correta, sendo capaz de se expressar.

A turma onde a aluna está inserida é uma turma com 3 anos de escolaridade distintos, exigindo um esforço extra por parte da docente, acrescido das necessidades especiais da aluna A, principalmente as suas dificuldades motoras manuais exigindo uma atenção redobrada por parte da docente, uma vez que a aluna necessita de apoio durante os exercícios. Estar integrada numa turma ajuda-a a desenvolver as suas capacidades sociais, apesar disso, na minha opinião penso que o ideal seria a aluna ter uma aula sozinha com a docente para conseguir responder de forma mais eficaz às suas dificuldades ou ter alguém, que soubesse LGP, que acompanhasse sempre a aluna.

O trabalho que observei a docente a desenvolver com a aluna e que eu própria desenvolvi com a mesma, se for realizado de forma contínua, acredito que será benéfico e que irá ajudar a aluna a evoluir ainda mais.

Em suma, as adaptações que realizei com a aluna tiveram um bom resultado, conseguiu responder de forma correta e sozinha a todas as questões, demonstrando que compreendeu a explicação da temática, permitindo-lhe estabelecer um diálogo comigo. O facto de conseguir incluir a aluna em todos os momentos da aula, mesmo os momentos com os alunos do 3º ano, adaptando a atividade e as perguntas, penso que foi um sucesso.

Aluna B

Caracterização

Aluna B segundo o seu RTP tem surdez neurosensorial, bilateral profunda. Paralisia cerebral, com implicações a nível do desenvolvimento cognitivo e motor. Esta é uma aluna que já tem Língua Gestual Portuguesa como disciplina desde o pré-escolar, mas apesar das suas patologias tem um bom nível linguístico. As atividades para esta aluna não necessitam de grandes adaptações, apenas devemos adaptar a maneira como nos dirigimos e realizamos as perguntas, uma vez que a aluna tem algumas dificuldades de raciocínio, sendo, por vezes essencial realizar a mesma pergunta de formas diferentes até que ela consiga entender, ou seja, é essencial adaptar a forma como lecionamos a aula e não os materiais. Tem alguma dificuldade de mobilidade, mas não usa qualquer tipo de aparelho de suporte para se deslocar, tem também problemas nos rins, é importante cumprir os seus horários para ir à casa de banho, beber água e comer. Também tem algumas dificuldades em lidar com algumas emoções, como o entusiasmo

e o nervosismo, ficando muito entusiasmada com pequenas coisas e também fica nervosa com muita facilidade, principalmente com qualquer tipo de exercício em sala de aula, mesmo que não seja uma avaliação, como consequência, devido aos seus problemas dos rins, por vezes precisa de ir à casa de banho com alguma frequência.

Contextualização

A turma é constituída por 5 alunos, 3 alunos do 11º ano e 2 alunos do 10º ano.

Existe um gabinete partilhado pelo departamento de Língua Gestual Portuguesa e de Necessidades Especiais Educativas (Grupo 920). Os alunos podem entrar e conviver nesta sala de forma autónoma. Também é nesta sala que é dado apoio à aluna B. A aula de LGP é dada na sala ao lado, é uma sala de aula normal, neste edifício algumas salas, incluindo aquela em que a aula de LGP é lecionada, têm uma campainha luminosa.

A aluna está num curso profissional e dentro dessa turma é a única aluna Surda, está acompanhada por um intérprete nas restantes aulas.

Planificação da aula

Os temas para estas aulas foram escolhidos em conjunto por mim e pelo docente, para a aula do para o 11º ano foi o “audismo”.

Antes de realizar a planificação da aula, conversei com o docente sobre a aluna B e as adaptações que utiliza para trabalhar com ela, chegando à conclusão do que já mencionei em cima, esta aluna tem um bom nível de LGP, mas tem algumas dificuldades compreensão, ou seja, apesar dos seus problemas cognitivos, o seu LGP está a um bom nível linguístico. Tendo isso em consideração não é necessária uma adaptação considerável nos materiais, mas sim, uma adaptação na forma como a aula é dada.

A aluna beneficia de duas horas de apoio semanal com o docente de LGP, o que é fundamental para estes alunos. Na minha opinião, todos os alunos Surdos com medidas adicionais deviam ter apoio com o docente de LGP, pois na maioria das vezes é o único docente que consegue comunicar na primeira língua do aluno, até mesmo a maior parte

dos docentes de educação especial não conseguem comunicar com o aluno em LGP, então é fundamental para os ajudar a serem o mais autónomos possível e assim, atingirem sucesso escolar.

Se o docente de LGP sentir que a aluna está com mais dificuldade nalguma temática ou exercício tem a oportunidade de trabalhar com ela sozinho no apoio, o docente referiu que a aluna tem evoluído muito. Outra adaptação que o docente faz, que acaba por ir de encontro com o que mencionei acima, sobre não fazer as coisas pelo aluno, é que o docente nunca dá a resposta à aluna. Ou seja, quando o docente está a trabalhar com ela e a aluna não está a perceber o que o docente pretende, devido às suas dificuldades, ele nunca lhe dá a resposta tenta sempre perguntar de outra forma, dar exemplos, interligar com temáticas que a aluna já sabe, de forma que sozinha consiga chegar à resposta pretendida pelo docente. E é isto que deve ser feito sempre com os alunos, não é facilitando o ensino que eles vão conseguir evoluir, é fundamental serem autónomos.

De seguida vou apresentar a planificação que realizei para a aula do 11º ano para ambas as alunas. A planificação descreve de forma geral o decorrer da aula, é para uma aula de 60 minutos, as atividades a realizar pelas alunas são as mesmas, contudo, no caso da aluna B com algumas adaptações.

Ensino Secundário – 11º ano

Alunos: 3

Tema: Audismo

Área Curricular:

Duração: 60 minutos

Competências/Conteúdos	Descritores de desempenho/objetivos/AE	Percorso de aula	Recursos	Avaliação
Interação em LGP Comunicação em grupo Literacia em LGP	Utilizar argumentos relevantes, objetivos e fundamentados em discussões.	A docente inicia a aula apresentando a temática “Audismo” explicando o que é, quem o criou, A apresentação do PPT será acompanhada de perguntas aos alunos para confirmar se as alunas	PPT Cartões Plickers	Observação direta. Identificar o que é uma pessoa Audista Identificar os dois tipos de Audismo.

Análise crítica Literacia em LGP Análise crítica Literacia em LGP Artes	Conhecer diferentes temas abordados pela investigação relacionada com as pessoas Surdas e as línguas gestuais. Conhecer diferentes autores, Surdos e ouvintes, de obras de referência na investigação. Identificar manifestações artísticas de autores Surdos, diferentes e recorrentes, que reflitam interpretações	estão a acompanhar os conteúdos. No final da apresentação, a docente questiona as alunas se têm dúvidas para assegurar que conseguem realizar a atividade com sucesso. Por fim, são explicadas as atividades às alunas. Na primeira atividade as alunas irão jogar um jogo no Wordwall, criado pela Docente, sobre o Audismo. Na segunda atividade as alunas através da aplicação Plickers irão	Aplicação Plickers Site Wordwall	Identificar os investigadores de Audismo. Identificar o que é o Audismo e os seus exemplos. Realizar as atividades sem dificuldades. Expressar e comunicar as suas dúvidas. Conseguir seguir orientações e instruções.
---	--	---	--	--

LGP, Comunidade e Cultura Identidade e orgulho	relacionadas com áreas científicas. Conhecer investigadores de referência, Surdos e ouvintes, que de alguma forma tenham marcado o percurso da Comunidade Surda no mundo.	responder a um questionário alusivo ao tema abordado anteriormente. De seguida, em conjunto, serão analisadas e corrigidas as respostas de cada uma ao questionário. Para terminar, a docente questiona novamente as alunas se têm dúvidas.		
---	--	---	--	--

Figura 3 - Planificação 11º ano

Fonte: Elaborado pela autora

Lecionação da aula

Como mencionado anteriormente a temática escolhida para o 11º ano foi o “Audismo”.

Comecei por apresentar a temática recorrendo a um PowerPoint (Apêndice 4), optei também por interligar à temática da arte Surda, pois um dos temas que podemos observar em muitas obras de arte surda é o audismo, pelo que aproveitei alguns desses quadros como exemplos levando à discussão do tema pelas alunas. Usar imagens é uma boa ferramenta para estes alunos, porque os obriga a pensar e a olhar para a temática de outra perspetiva, permitindo a abordagem de vários temas. Com as imagens das obras de arte a aluna conseguiu expressar-se relativamente ao tema e permitiu estabelecer uma conversa entre as duas alunas, o que por vezes pode ser difícil para estes alunos, sendo fundamental deixá-los interagir e aprofundar o tema, tendo em conta quando é a melhor altura para intervir com o intuito de os ajudar a continuar a desenvolver o tema.

Em cada slide fui realizando perguntas às alunas para confirmar se entenderam o conteúdo (a dificuldade das perguntas colocadas à aluna B não era a mesma das colocadas à outra aluna do 11º ano). Volto aqui a reforçar que não existe nenhum exercício/atividade que não possa ser adaptado para que estes alunos possam participar e interagir da mesma forma que os outros numa aula.

Na primeira atividade as alunas jogaram um jogo no Wordwall (Apêndice 6), criado por mim, sobre o Audismo, começou por jogar a outra aluna do 11º ano para a aluna B ver como se jogava mais uma vez (apesar de eu já ter demonstrado) e depois jogou a aluna B. Antes da aluna B começar a jogar expliquei-lhe, com calma, quais seriam as suas perguntas em LGP, para ela se poder preparar.

A outra aluna do 11º ano teve algumas dificuldades numa das perguntas, interrompi o jogo para lhe poder explicar e discutirmos a resposta juntas, quando percebeu a questão voltámos ao jogo. A aluna B jogou a seguir, neste jogo é possível alterar o grau de dificuldade, por isso diminuí a dificuldade para a aluna B. Tal como a colega, a aluna B também teve dúvidas numa das questões, por isso interrompi o jogo para lhe explicar com calma a pergunta. A aluna respondeu bem a todas as questões, mas na última começou a ficar nervosa (esta aluna devido aos seus problemas fica entusiasmada e nervosa com muita facilidade e não se consegue controlar), como estratégia a outra aluna ajudou-a a concluir o jogo, apenas manuseando o computador, sendo a aluna B a fornecer-lhe a resposta.

No último jogo, usando a aplicação “Plickers” (Apêndice 5), ambas as perguntas e as respostas estavam em vídeo, após a visualização dos vídeos pelas alunas, explicava com mais calma à aluna B, o objetivo seria depois com calma no final vermos as respostas certas e erradas de cada uma e discutirmos as respostas, mas devido à falta de tempo, à medida que as alunas iam respondendo às questões, era-lhes dado feedback imediato, dizendo se estavam certas ou erradas justificando-as.

No fim voltei a perguntar se havia dúvidas e se tinham percebido tudo.

Concluindo para a aluna B as principais adaptações e estratégias facilitadoras elaboradas foram a forma de apresentação dos temas e das atividades, é necessário explicar com calma e de formas diferentes até a aluna entender, o mais fácil seria dar-lhe a resposta, mas assim não havia esforço por parte dela, por isso é crucial insistir na explicação para a aluna perceber a matéria sozinha, tornando-a mais autónoma.

Principais adaptações:

- Explicar as perguntas e respostas antes do jogo;

- Ajustar os níveis de dificuldade no jogo;
- Ajustar a dificuldades das perguntas feitas à aluna;
- Explicar de várias formas;

Reflexão:

Durante o meu percurso a observar e a trabalhar com a aluna B, constatei que a aluna tinha competências relativamente à LGP, conseguindo expressar-se, usá-la no seu dia-a-dia, sendo a sua maior dificuldade ao nível da compreensão, não só relativamente ao domínio da LGP, mas de forma generalizada.

Na atividade que apresentei à aluna, mostrou bons resultados conseguindo realizar a maior parte dos exercícios sozinha e de forma correta. A aluna apenas mostrou dificuldades num exercício, que conseguiu resolver após uma explicação mais aprofundada do exercício em causa. A pergunta, onde a aluna apresentou mais dificuldades foi “Qual destas obras de arte representa o audismo?”. Esta pergunta é um pouco mais abstrata e incita à compreensão e interpretação, por parte da aluna, das quatro obras de arte. Após uma explicação mais detalhada a aluna conseguiu responder à questão.

Como mencionei anteriormente a maior dificuldade da aluna prende-se com a interpretação e compreensão devido às suas dificuldades cognitivas, a aluna consegue comunicar de forma correta em LGP, consegue também entender conceitos básicos, tendo mais dificuldade a entender conceitos mais complexos e abstratos. Daí a necessidade de haver uma explicação simples e clara, relativamente aos exercícios que tem de desenvolver, assim como, a forma como a temática é apresentada à aluna, sendo fundamental trabalhar esta parte para a aluna evoluir.

A razão de ter escolhido trabalhar esta temática recorrendo a jogos didáticos foi devido ao seu grau de dificuldade e também por a aluna se sentir muito nervosa quando está a responder a perguntas ou a fazer exercícios em frente da turma. O propósito dos jogos era ajudar a aliviar o stress da aluna. No exercício do “Plickers” respondeu calmamente às perguntas e no exercício do “WordWall” a aluna gostou de ver a colega jogar e quando chegou a vez dela ficou muito entusiasmada, as primeiras duas perguntas

responderam sem problemas, apenas quando chegou à questão mencionada em cima como não entendeu a questão à primeira começou a ficar nervosa e a colega ofereceu-se para a ajudar, a colega fez os movimentos com o rato do computador, enquanto a aluna B dava as instruções.

A turma de LGP onde a aluna está inserida é uma turma com 5 alunos, que não apresentam um comportamento adequado durante as aulas, o que dificulta o trabalho do docente, acrescido das necessidades especiais da aluna B exigindo por parte do docente uma atenção redobrada, uma vez que a aluna necessita de apoio durante os exercícios. Tal como acontece com a aluna A, a aluna B estar integrada numa turma ajuda-a a desenvolver as suas capacidades sociais, mas ao contrário da aluna A, a aluna B tem duas horas semanais de apoio com o docente de LGP, o que ajuda a colmatar as suas dificuldades que não conseguem ser colmatadas em aula.

Em suma, as adaptações tiveram um bom resultado com a aluna, ela respondeu às perguntas de forma correta e conseguiu manter uma conversa com a colega relacionada com a temática. Na minha opinião seria importante arranjar estratégias que permitam que a aluna se sinta mais confortável para comunicar e expressar mesmo cometendo erros.

Capítulo 3: Reflexões em torno da intervenção realizada

Na minha intervenção trabalhei com duas alunas Surdas ambas com paralisia cerebral, mas com necessidades bastante diferenciadas, tal como as adaptações aplicadas em ambas. Por as alunas apresentarem a mesma patologia não implica terem as mesmas adaptações, durante a elaboração das adaptações devemos ter sempre em atenção o historial médico e educativo do aluno, não devendo olhar apenas para a sua patologia, mas devemos conhecê-lo como aluno, de forma a elaborar as adaptações mais adequadas.

Foi com base neste pensamento que elaborei os materiais de estágio, além de tentar conhecer as alunas, também falei com os docentes de LGP que já as acompanhavam, para tentar ter o máximo de informação relativa às alunas.

A minha intervenção foi bastante positiva, as adaptações que usei foram específicas para as alunas com que trabalhei. Apresento de seguida, vários exemplos de adaptações, que não utilizei no meu estágio, mas que podem ser usadas com alunos Surdos com medidas adicionais, adaptando-as às suas necessidades.

Exemplos:

Irei agora realizar um breve resumo das adaptações generalizadas que devemos realizar sempre tendo em consideração as dificuldades do aluno. Durante a atividade é essencial verificar que o aluno compreendeu as instruções repetindo se necessário, tentando transmitir as instruções de forma clara e simples. Se o aluno necessitar é importante adaptar o tempo da atividade às suas necessidades tal como os materiais disponibilizados. Também devemos regularmente acompanhar o progresso do aluno, de forma informal ou formal. Nos momentos de avaliação devemos adaptá-la às suas necessidades realizando as alterações que acharmos adequadas (materiais, tempo, estratégias). É importante dar feedback contínuo ao aluno sempre fornecendo reforço positivo para incentivar o aluno, claro, não deixando também de corrigir o aluno quando necessário.

Segundo o Plano de Ação para a Educação Inclusiva do Ano letivo 2022/2023 da Escola Profissional de Braga, estes são os tópicos que o docente tem de refletir quando está a planear uma aula:

- O que vou ensinar (tópicos, conteúdos)?
- Por que razão vou ensinar (metas/objetivos)?
- Como vou ensinar (metodologias/processos)?
- O que já sabem os alunos (conhecimentos prévios)?
- O que irão os alunos fazer (atividades)?
- Como vou gerir a aula (incluindo a organização dos espaços físico e social)?
- Será que as atividades são apropriadas a TODOS os alunos?
- Será que os alunos terão oportunidade de trabalhar a pares ou em pequenos grupos?

- Como vão os alunos registar aquilo que fizerem (produtos da aprendizagem)?
- Como saberei se os alunos aprenderam (feedback e avaliação)?
- O que faremos a seguir? (reflexão e planificação futura)?
- Há alunos na turma que precisam de suportes adicionais?
- Que tipo de suporte será necessário disponibilizar a esses alunos?
- Será necessário ajudá-los individualmente?

Existem várias adaptações que conseguimos realizar para acomodarmos o ensino e os exercícios aos alunos com medidas adicionais, para isso quando estamos a preparar a aula devemos selecionar as que mais se adaptam ao aluno e que promovem, não só a igualdade, mas também a equidade.

CONCLUSÃO

Este relatório baseia-se em três temas essenciais, a importância da educação bilingue para as crianças Surdas, as medidas de apoio à aprendizagem e à inclusão previstas no decreto-lei 54/2018 e as adaptações de materiais.

Ao longo deste relatório destaco que todos os alunos são diferentes, tal como as suas dificuldades, por esse motivo o ensino não deve ser generalizado e sim adaptado, mas para tal são essenciais a disponibilidade de mais recursos e uma avaliação contínua que permita ajustar as estratégias e as adaptações às necessidades e ao progresso do aluno.

Este relatório teve como objetivo principal apresentar e analisar as estratégias de ensino para crianças Surdas com medidas adicionais.

As estratégias adotadas com estas alunas são específicas, mas todas elas tiveram um impacto positivo na sua aprendizagem. Como destaco ao longo do relatório existem várias formas de adaptar as estratégias para as crianças Surdas com medidas adicionais, que por vezes podem parecer insignificantes, mas têm um impacto na sua educação e consequente sucesso escolar. O apoio familiar para estes alunos é também imprescindível, tal como a consistência destas adaptações nas outras disciplinas ou outras que sejam necessárias. Evidenciando que as elaborações de planificações cuidadosas com a aplicação das adaptações criam as condições necessárias para o aluno atingir o sucesso escolar.

Relativamente ao trabalho desenvolvido com a aluna A, as adaptações que implementei com a mesma, tiveram um bom resultado. A aluna interagiu com os colegas e comigo de forma correta, realizou as atividades sem dificuldades e da forma mais autónoma possível, que era um dos grandes objetivos das adaptações, dar mais autonomia à aluna não só nas aulas, mas também no seu futuro. De todas as adaptações que implementei a mais importante foi a colagem das respostas (apêndice 2), reduzindo a quantidade de vezes que a aluna tem de escrever ou gestuar durante um longo período, devido às suas dificuldades motoras.

Relativamente à aluna B, as adaptações que implementei com a mesma, também apresentaram um bom resultado. Estas centraram-se essencialmente na forma como os conteúdos são apresentados e na explicação dos exercícios, a aluna conseguiu expressar

as suas ideias para a colega, permitindo um diálogo enriquecedor e produtivo, e além disso mostrou à vontade que também era uma das suas dificuldades. No geral, ambas as intervenções decorreram conforme o esperado e obtiveram os resultados desejados.

O relatório contribuiu para uma maior compreensão sobre a importância das adaptações no ensino da LGP a crianças Surdas com medidas adicionais. Analisando a minha experiência de estágio, tornou-se evidente que o ensino individualizado e a valorização das capacidades de cada aluno são essenciais para uma participação mais ativa por parte do mesmo e para garantir um ensino mais justo e eficiente, conforme referido no Manual de Apoio à Prática.

Apesar dos contributos deste relatório é importante reconhecer as suas limitações, apenas se baseou em duas crianças o que limitou o estudo de outras adaptações e na recolha de dados, uma vez que apenas consegui a perspetiva de um docente, através do questionário. No futuro gostaria de fazer uma investigação mais abrangente a nível nacional sobre o tema.

De uma forma geral a falta de recursos e apoio que ainda existem nas escolas, afetam diretamente estas crianças, a falta de um ensino mais individualizado e focado nas suas capacidades e não apenas nas suas dificuldades.

A falta de materiais/manuais na área de LGP prejudica os alunos, pois o docente tem de os criar do zero, o que não acontece nas outras disciplinas, por isso encorajo que haja a partilha dos mesmos para construir uma base de materiais para os docentes e haver um consenso na informação que é ensinada. E também investir em materiais adaptados para alunos Surdos com medidas adicionais, tal como formação especializada de docentes para elaboração de adaptações curriculares e de materiais.

Com este relatório posso concluir que ainda existe pouca informação sobre esta temática e que ainda temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito à educação inclusiva em Portugal, particularmente das crianças Surdas.

A minha experiência de estágio aliada à investigação que realizei demonstra que quando nos focamos nas capacidades do aluno conseguimos ajustar o ensino às suas necessidades, tal como evidência Barbosa (2019).

Tendo isto em consideração cabe-nos a nós docentes e futuros docentes trabalhar para que estes alunos consigam atingir o sucesso escolar.

BIBLIOGRAFIA

- AERDL (2019). *Desenho Universal para a Aprendizagem*.
<https://www.nsite.aerdl.eu/index.php/desenho-universal-da-aprendizagem>
- Agrupamento de Escolas de Monção (2023). *Intervenção Multinível*.
<https://aemoncao.com/im>
- Baptista, M. (2023). *Desafios da Educação Inclusiva*. Instituto Politécnico de Coimbra. Escola Superior de Educação, Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Intervenção.
- Barbosa, A. (2019). *Prática de Ensino Supervisionada: Estratégias de Ensino e Aprendizagem* [Relatório Final de Estágio de Mestrado, Escola Superior de Educação de Bragança]. Biblioteca Digital do IPB
- Barreiras, E. Artur, A. (2022). *A Participação Na Voz De Alunos Com Adaptações Curriculares Significativas*. Revista Portuguesa de Investigação Educacional
- Bonança, R. Madureira, C. Lima, L. (2023). *O Desenho Universal Para A Aprendizagem: Planear O Ensino-Aprendizagem-Avaliação Para Uma Escola Mais Inclusiva*. (v.16, n.2, p.293-306) Brazilian Journal of Education, Technology and Society
- Borrás, L. (2001). *Os docentes do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico, Recursos e técnicas para a formação no século XXI - O educador, a formação* (Vol. 1). Setúbal: Marina Editores.
- Campos, C. (2024). *Literatura Surda: Conceções dos Alunos Surdos no Ensino Secundário*. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum
- Carvalho, P (2011). *História da Educação dos Surdos II*. UCP Editora
- Carvalho, P (2012). *Educação Bilingue para Surdos: Uma Experiência Portuguesa*. Porsinal.
<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=308>
- Cavaca, F., Carmo, H., Martins, M., Morgado, M., & Estanqueiro, P. (2007). *Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa—Educação Pré-Escolar e Ensino Básico*. Ministério da Educação.

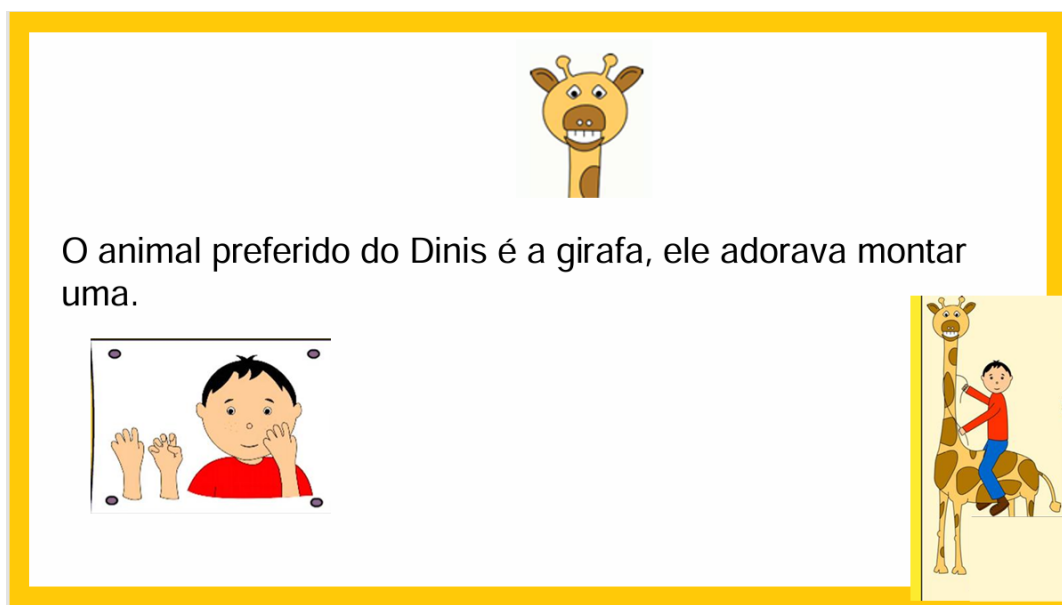
- Cavaca, F., Martins, M., Morgado, M., & Estanqueiro, P. (2008). *Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa—Ensino Secundário*. Ministério da Educação.
- Cunha, M. (2022). *Adaptações curriculares de pequeno porte para o estudante com Deficiência Intelectual*. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum
- Decreto-Lei n.º 54/2018 do Ministério da Educação. Diário da República nº 129/2018, Série I de 2018-07-06. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>
- Escola Profissional de Braga. (2022). *Educação inclusiva - plano de ação para a educação inclusiva*.
- Pappámikail, L. & Beirante, D. (2022). *Conjunto de Materiais: Educação Inclusiva. Módulo 1: Gestão da Educação Inclusiva*. Ministério da Educação / Direção-Geral da Educação.
- Roldão, M. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Santos, V. Canal do Educador. (2024) *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Canal do Educador. <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino>
- Scielo Brasil. Lacerda, C (07 de dezembro de 2001). *Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos*. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/>
- Simões, A. Cabral, A. Rico, A (2023). *Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Direção Geral de Educação
- Simões, S. (2021). *Estratégias pedagógicas de ensino/aprendizagem e seus resultados* [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da Universidade de Coimbra
- Sousa, S. (2022). *Da teoria à prática: mudanças na escola com o decreto-lei nº 54/2018*. [Dissertação de Pós-Graduação, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem novas práticas pedagógicas*. Porto: ASA.

- Viveiro, A. A. (2010). *Estratégias de ensino e aprendizagem na formação inicial de professores de ciências: reflexões a partir de um curso de licenciatura*. [Tese de Pós-Graduação, Bauru: Universidade Estadual]. Repositório Institucional Unesp

APÊNDICE

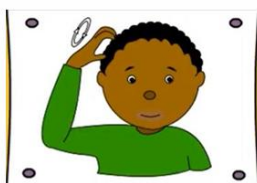
Apêndice 1 - PowerPoint 1º ano

O PowerPoint utilizado foi o mesmo para a outra aluna, mas as perguntas para a aluna com as medidas adicionais foram adaptadas as suas necessidades.

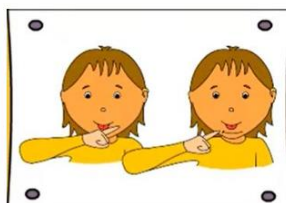




O David gosta de tartarugas e gostava de ter uma.

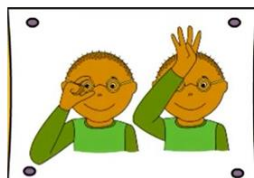


A Inês gosta de papagaios de todas as cores.





O Lucas gosta muito do peixe palhaço, como no Nemo.

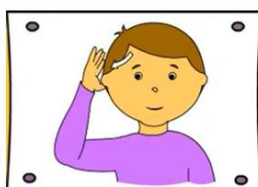


A Sara gosta de coalas, tem um em boneco.

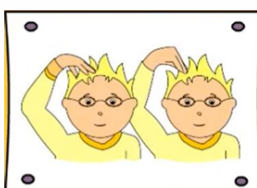




O Manuel é amigo de todos os cães.



O Ian vê programas sobre macacos, adora chimpanzés.



Sabias que os chimpanzés são capazes de aprender alguns gestos?

- <https://www.youtube.com/watch?v=SNuZ4OE6vCk>
- <https://www.youtube.com/watch?v=FqJf1mB5PjQ>

Links usados no PPT:

<https://www.youtube.com/watch?v=SNuZ4OE6vCk>

<https://www.youtube.com/watch?v=FqJf1mB5PjQ>

Apêndice 2 - Ficha Adaptada 1º ano

Ficha de Trabalho		
Data: ____ / ____ / ____		
Nome: _____		

1- Escolhe a palavra correta.



Tartaruga



Macaco

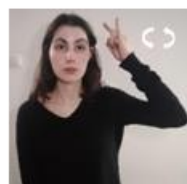
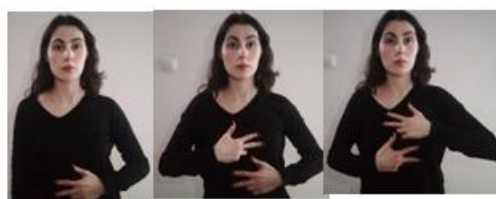


Cão



Peixe

2- Liga o desenho ao gesto correto.



3- Desenha o teu animal favorito.

Apêndice 3 - Ficha não adaptada

Ficha de Trabalho	
Data: ____ / ____ / ____	
Nome: _____	

1- Escolhe o gesto correto.

☐☐☐☐☐☐☐☐

2- Liga o desenho à palavra correta.



3- Desenha o teu animal favorito.

Apêndice 4 - PowerPoint 11.º ano

O PowerPoint utilizado foi o mesmo para a outra aluna, mas as perguntas para a aluna com as medidas adicionais foram adaptadas às suas necessidades. Cada slide do PPT está acompanhado com um vídeo em LGP a explicá-lo.



Audismo

Como apareceu o termo audismo?



Tom Humphries



1977



Harlan Lane



1999



<https://youtu.be/bC-c5r3jidQ>

O que é?

audismo

nome masculino

discriminação ou preconceito contra pessoas surdas ou com dificuldades auditivas



Língua Portuguesa



infopédia
DICCIONÁRIOS PORTO EDITORA

<https://youtu.be/qt-9yg-3xSE>

O que é uma pessoa Audista?

Pessoa ouvinte que se considere superior porque ouve

Expectativas de que os surdos se convertam em ouvintes.



Pessoa (ouvinte ou surda) que acredita que ouvir é melhor

<https://youtu.be/BD2U7SSfGRc>



Proibição de usar em Língua Gestual



Imposição a oralização e o uso de aparelhos auditivos e os implantes cocleares



Discriminação ou marginalização sofrida por pessoas surdas

Tipos de Audista

Audismo Ativo



Pessoa de forma consciente tem um comportamento de audista.

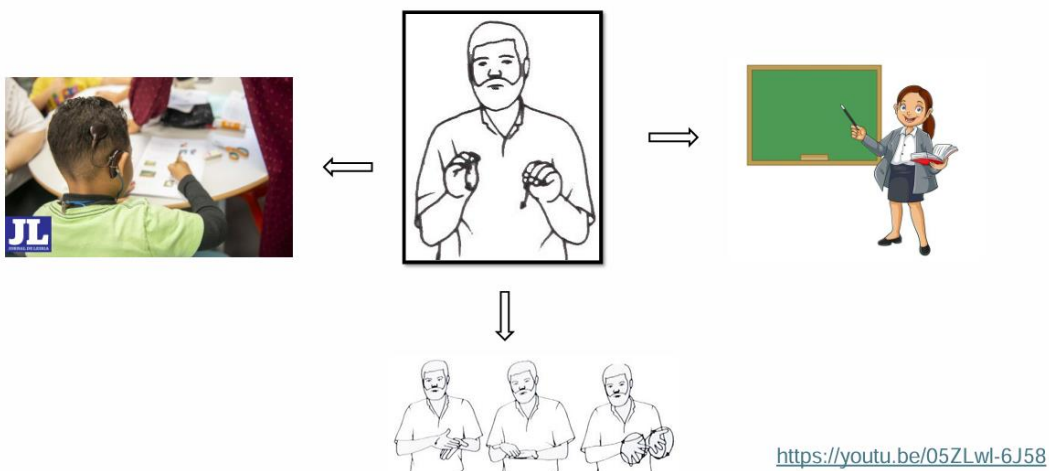
Audismo Passivo



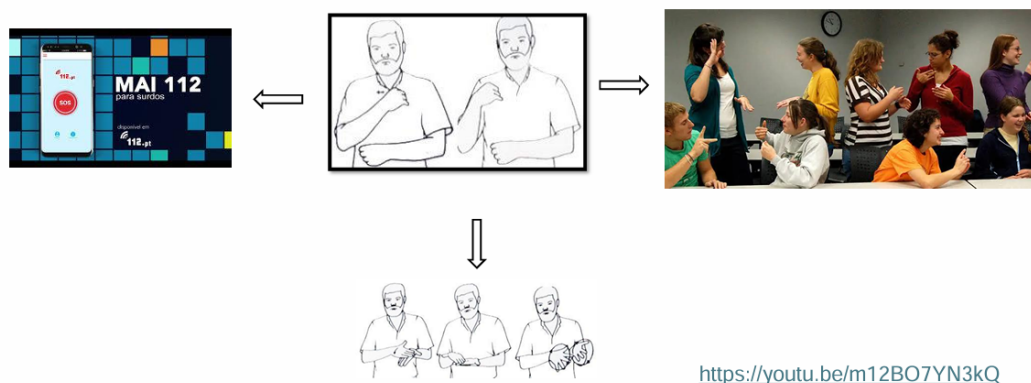
A pessoa não tem conhecimento sobre os valores da comunidade surda por isso não sabem como as suas ações podem prejudicar os surdos/LGP.

https://youtu.be/WHMQr_UlyTQ

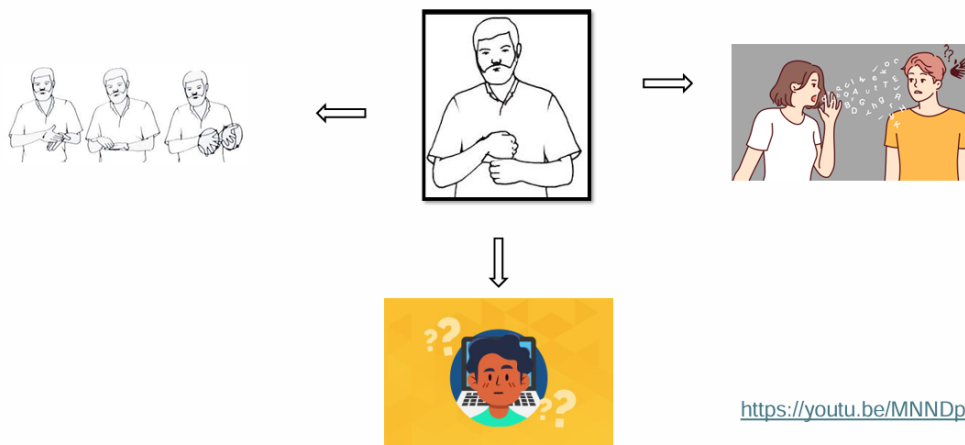
Onde pode surgir o audismo?



Onde pode surgir o audismo?



Onde pode surgir o audismo?



<https://youtu.be/MNNDp8I5JtQ>

Termos Opressivos

- Surdo mudo
- Mudo
- Deficiente
- Comunidade sem cultura
- Não têm língua

Exemplos Audismo

Como podemos prevenir o Audismo?

Ajudar a educar as pessoas sobre o audismo

Parar com a discriminação das pessoas Surdas em todas as áreas (saúde, emprego, escolas)

Garantir os direitos humanos para todas as pessoas Surdas

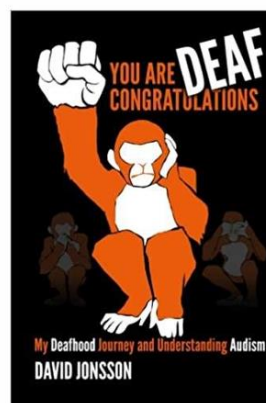
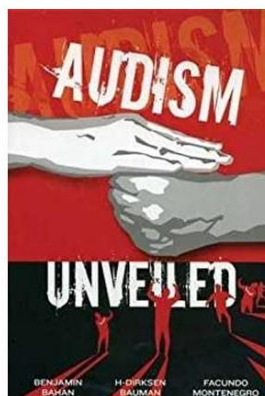
Proteger a cultura e a liberdades das pessoas Surdas

<https://youtu.be/1zAMbLrMt9o>

Arte



Livros



Links usados no PPT:

[11º ano - Vídeo 2](#)

[11º ano - Vídeo 1](#)

[11º ano - Vídeo 3](#)

[11º ano - Vídeo 4](#)

[11º ano - Vídeo 5](#)

[11º ano - Vídeo 6](#)

[11º ano - Vídeo 7](#)

[11º ano - Vídeo 8](#)

Apêndice 5 – Exercício 11º ano Plickers

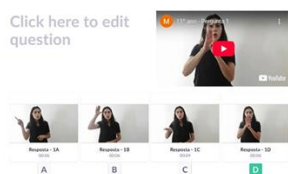
Nos exercícios as adaptações mais significativas foram no primeiro exercício alterei a dificuldade do jogo como se pode ver na imagem e expliquei quais as suas perguntas com calma antes de começar o jogo. No segundo primeiro a aluna viu as perguntas em vídeo em LGP e depois expliquei com mais calma as perguntas.

Exercício 1 – Atividade jogo dinâmica na plataforma “Wordwall”

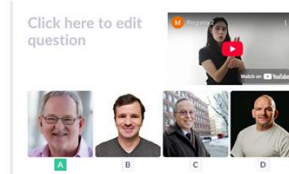
Atividade Aluna A - <https://wordwall.net/pt/resource/89668014/aluna-a>

Atividade Aluna B - <https://wordwall.net/pt/resource/89668025/aluna>

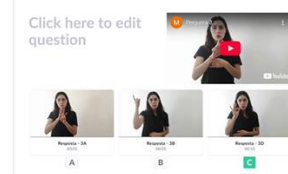
Exercício 2 - Atividade de perguntas e resposta na plataforma “Plickers”



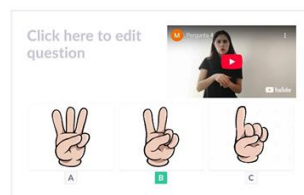
Pergunta 1 – O que é o Audismo?
 A – Discriminação de pessoas ouvintes
 B – Discriminação dos animais
 C – Discriminação de pessoas Surdas
 D – Discriminação de crianças



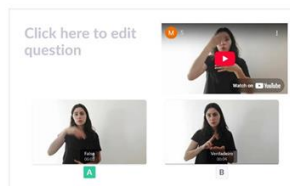
Pergunta 2 – Quem criou o Audismo?



Pergunta 3 – Quais destes comportamentos representa uma pessoa não Audista?
 A – Discriminação de pessoas Surdas
 B – Exigir a oralização
 C - Uma pessoa Surda escolhe gestuar, as pessoas respeitam a sua decisão



Pergunta 4 – Quantos tipos de Audismo existem?



Pergunta 5 - Uma pessoa Audista passiva, tem conhecimento da comunidade Surda e dos seus valores.

A – Falso

B – Verdadeiro

Apêndice 6 – Exercício 11º ano Wordwall

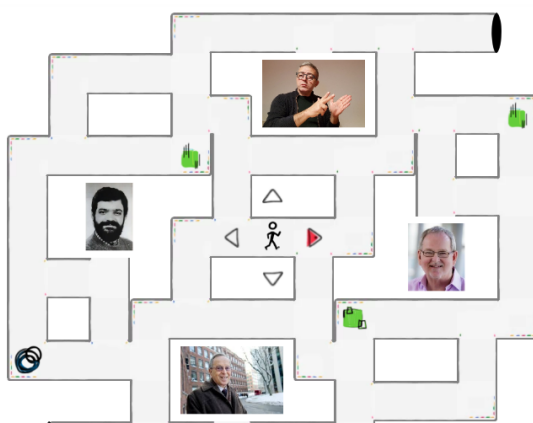
[Aluna A - Perseguição em labirinto](#)



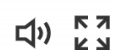
0:53

2...

♥♥♥✓1



Qual das fotografias é de Harlan Lane?

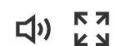


1:36

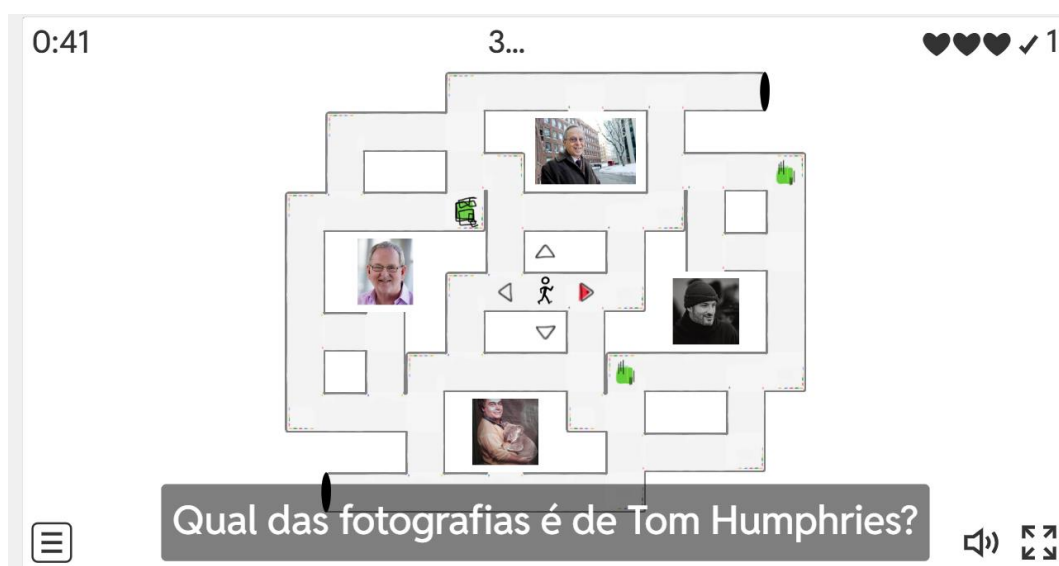
♥♥♥✓2



Que obra de arte representa o audismo?



[Aluna B - Perseguição em labirinto](#)





Apêndice 7 - Questionário Docente A



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa 2024/2025 – 2º Semestre

1. Em que zona do país está a lecionar?

Estou a lecionar no Centro do país.

2. Qual o ciclo(s) está a lecionar?

Estou a lecionar os dois ciclos da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

3. Há quantos anos leciona Língua Gestual Portuguesa?

Leciono Língua Gestual Portuguesa há quase 15 anos.

4. Frequentou formação no que diz respeito à educação inclusiva e às medidas a aplicar no âmbito do DL54/2018? Em caso afirmativo, pode referir, quando, qual a duração e os tópicos abordados?

Sim, frequentei duas formações: “*As Lideranças na Promoção de Ambientes Educativos Inclusivos*”, na modalidade de Curso de Formação, no ano de 2023, com a duração de 25 horas e “*Para uma Educação Inclusiva*”, na modalidade de Curso de formação, com a duração de 25 horas no ano de 2021.

5. Quais são os principais desafios que enfrenta na implementação das medidas adicionais?

A implementação de medidas adicionais no ensino implica diversos desafios, tanto a nível técnico quanto individual. Algumas das principais barreiras incluem: articulação entre a escola e as famílias, resistência à mudança, obstáculos na diferenciação, formação específica e recursos limitados.

6. No seu ponto de vista, o que são medidas adicionais? Pode dar um exemplo concreto?

As medidas adicionais visam garantir o acesso equitativo ao conhecimento, respeitando as necessidades dos alunos com dificuldades, por meio de adaptações curriculares, apoio especializado e tecnologias assistivas que promovem a aprendizagem. Exemplos incluem materiais adaptados, tempo extra em avaliações e apoio de um professor especializado para alunos com dificuldades.

7. Quais as características das crianças ou jovens com medidas adicionais que já lecionou? Pode explicar-me quais as medidas que melhor resultaram e porquê?

Maria Dinis

Os alunos com medidas adicionais enfrentam desafios como dificuldades de aprendizagem. As estratégias eficazes incluem diferenciação pedagógica, apoio individualizado, tecnologia e colaboração contínua entre envolvidos para sucesso no aprendizado.

8. Quais são os recursos que usa para a adaptação das aulas?

Para adequar as aulas e torná-las mais inclusivas e eficientes para diferentes perfis de alunos, há uma diversidade de recursos e estratégias que podem ser utilizados. Aqui estão alguns dos mais comuns: métodos ativos, adaptações de avaliação, tecnologias e ferramentas digitais e materiais diferenciados.

9. Quais são as maiores dificuldades que sente na adaptação das aulas dos alunos com medidas adicionais?

A adaptação das aulas para alunos que precisam de apoio enfrenta desafios como cooperação interdisciplinar, recursos limitados, tempo insuficiente, avaliação justa, resistência à mudança e comportamentos escolares.

10. Em relação à avaliação dos alunos com medidas adicionais, como procede?

A avaliação dos alunos deve ser adaptada às suas necessidades, garantindo um processo correto, inclusivo e representativo.

Algumas das abordagens mais eficientes incluem flexibilidade nas formas de resposta, avaliação contínua e formativa, feedback individualizado, colaboração eficaz, adequação dos instrumentos e critérios de avaliação, e alteração do tipo de prova, tempo de resposta ou formato das questões.

11. Pode falar-me um pouco das adaptações e estratégias que melhor resultaram com estes alunos com medidas adicionais? Tem algum exemplo malsucedido que gostaria de partilhar e refletir sobre?

Para alunos com medidas adicionais, personalização do ensino, tecnologia, apoio emocional e reforço positivo são estratégias que promovem acessibilidade e participação ativa na aprendizagem.

12. Gostaria de acrescentar/partilhar algo no que diz respeito aos alunos surdos com medidas adicionais que eu não tenha perguntado?

Maria Dinis



Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa
2024/2025 – 2º Semestre

Para alunos surdos, as medidas adicionais devem ser personalizadas para garantir acessibilidade e inclusão no ambiente escolar. Algumas abordagens importantes incluem: uso da Língua Gestual, material visual adaptado, tecnologia assistiva, apoio individualizado e ambiente de comunicação inclusiva.

